





|   |           |
|---|-----------|
| <b>O QUE É ARTE?</b>                                | <b>4</b>  |
| <b>História da arte</b>                             | <b>6</b>  |
| <b>O PAPEL DA ARTE NA SOCIEDADE</b>                 | <b>13</b> |
| <b>A ARTE EM DIFERENTES ÁREAS DA VIDA</b>           | <b>15</b> |
| <b>ARTETERAPIA</b>                                  | <b>19</b> |
| <b>ARTETERAPIA E PSICODRAMA</b>                     | <b>31</b> |
| <b>SETTING TERAPEUTICO</b>                          | <b>32</b> |
| A construção do setting terapêutico                 | <b>33</b> |
| <b>ARTETERAPIA COM CRIANÇAS</b>                     | <b>34</b> |
| <b>ARTETERAPIA PSICANALITICA</b>                    | <b>37</b> |
| <b>ARTETERAPIA JUNGUIANA – PSICOLOGIA ANALITICA</b> | <b>42</b> |
| <b>ARTETERAPIA GESTÁLTICA</b>                       | <b>47</b> |
| <b>AS DIVERSAS FORMAS DE EXPRESSÃO</b>              | <b>50</b> |
| <b>REFEFÊNCIA:</b>                                  | <b>60</b> |

# O que é arte?

**“A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são.” Fernando Pessoa**

Há inúmeras possibilidades de definição de arte. Não há como limitá-las a determinado estilo ou gosto. Variações conceituais foram atribuídas no tempo e no espaço. A palavra deriva do latim *ars*, *artis*, que significa maneira de ser ou de agir, profissão, habilidade natural ou adquirida, e, na cultura greco-romana, possuía o sentido de ofício, habilidade.

Nessa concepção, a arte estava ligada ao propósito de fazer, ou seja, era concebida com base em um aspecto executivo e manual. A arte também foi e é vista por alguns como conhecimento, visão ou contemplação. Nesse caso, coloca-se em segundo plano o aspecto exterior da arte, o objeto criado, e concede-se a ela um sentido de visão da realidade, ou seja, de retrato de formas de conhecer.

A terceira definição coloca que a arte é expressão. Essa visão, que é fruto especialmente do Romantismo, define arte com base em seus elementos externalizados em os motivos que a tornam viva, ou seja, alinha as formas do objeto artístico criado com os sentimentos que a animam e a suscitam. Certamente todas essas concepções de arte têm seu sentido e valor. A arte é, por excelência, o lugar de conhecimento, feitura e expressão. Em resumo, a arte como um fazer, arte como conhecimento e arte como expressão.

A definição de arte pode variar de acordo com determinado contexto cultural, isto é a existência, ou não, de um processo que conduz à criação de um objeto belo, com todas as suas implicações teóricas, técnicas pessoais e sociais, consequências da apreciação da beleza como parte essencial do resultado. Mas também é possível qualificar como arte objetos ou processos criativos de outras épocas ou civilizações, julgamento esse realizado à margem da avaliação concreta que teve para seu autor ou para a sociedade à qual pertencia.

A mera apreciação estética posterior desse objeto ou processo já era suficiente para que seja intitulado como arte. Tal qualificação é que possibilita hoje chamar de arte obras pré-históricas, em outras épocas consideradas primitivas.

Elencamos algumas definições para Arte:

- Criação humana de valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta etc.) que sintetizam suas emoções, sua história, seus sentimentos e sua cultura;
- Capacidade do homem de criar e expressar-se, transmitindo ideias, sensações e sentimentos através da manipulação de materiais e meios diversos;
- Atividade humana ligada a manifestações de ordem estética, feita por artistas a partir de percepção, emoções e ideias, com o objetivo de estimular esse interesse de consciência em um ou mais espectadores, e cada obra de arte possui um significado único e diferente;
- Reflexo do ser humano que muitas vezes representam a sua condição socialhistórica e sua essência de ser pensante;
- Habilidade ou disposição dirigida para a execução de uma finalidade prática ou teórica, realizada de forma consciente, controlada e racional;
- Composto de meios e procedimentos realizados pelo homem, através dos quais é possível a obtenção de finalidades práticas ou a produção de objetos; técnica para criar algo;
- Conjunto de obras de determinado período histórico, nação, povos, movimento artístico, por exemplo, Arte Medieval, Arte Africana, Arte Realista etc.

A humanidade cria objetos para satisfazer as suas necessidades práticas – arte utilitária; como meio de vida para que o mundo saiba o que pensa; para divulgar as suas crenças (ou as de outros); para estimular e distrair a si mesmo e aos outros; e para explorar novas formas de olhar e interpretar objetos e cenas.

Ernest Gombrich, famoso historiador de arte, afirmou que nada existe realmente a que se possa dar o nome de arte. Existem somente artistas. Arte é um tipo de fenômeno cultural. Regras absolutas sobre arte não sobrevivem ao tempo, mas a cada época, diferentes grupos (ou cada indivíduo) escolhem como compreendem esse fenômeno. Os historiadores de arte buscam determinar os períodos que empregam certo estilo estético, denominando-os por movimentos artísticos.

A arte registra ideias e as ideologias de culturas e etnias, sendo assim, ela se torna fundamental para a compreensão da história e do mundo. Formas artísticas podem extrapolar a realidade, exagerar coisas aceitas ou simplesmente criar formas de se observar a realidade. Uma das características da arte é a dificuldade que se tem de conferir-lhe utilidade.

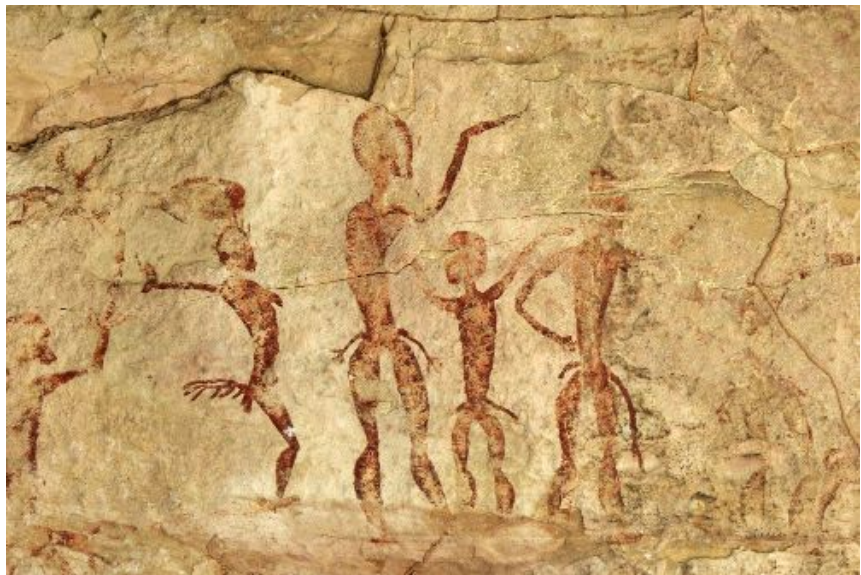
Muitas vezes esta dificuldade em encontrar utilidade imediata para a arte mascara preconceitos contra arte e os artistas. Como manifestação cultural humana, pode ser utilizada para coesão social, reafirmando valores ou, pelo contrário, criticando-os.

A arte possui a função transcendente, ou seja, manchas de tinta sobre uma tela ou palavras escritas sobre um papel simbolizam estados de consciência humana, abrangendo percepção, emoção e razão. A arte pode trazer indícios sobre a vida, a história e os costumes de um povo, de uma época, inclusive daqueles já extintos. Assim, conhecemos várias civilizações por meio de sua arte.

## História da arte

A arte está presente em nossa vida desde os tempos mais remotos da humanidade. Os primeiros registros artísticos conhecidos são as obras de arte pré-histórica, que incluem a arte rupestre, pequenas esculturas e construções megalíticas. As obras de arte tornaram-se mais sofisticadas conforme o estilo de vida da humanidade evoluiu.

As obras de arte produzidas por civilizações da Antiguidade são uma evidência desse aumento na sofisticação. Todas as grandes civilizações da Antiguidade, como os povos mesopotâmicos, os egípcios, os fenícios entre outros povos, tiveram – e ainda têm – sua produção artística intensamente estudada por especialistas de diferentes áreas do conhecimento.



Da Antiguidade, o grande destaque vai para as civilizações clássicas, isto é, Grécia e Roma e são assim chamadas porque a produção cultural, artística e intelectual dessas civilizações são consideradas tradicionais, são tidas como basilares para o desenvolvimento da cultura da civilização ocidental.

Na Europa Ocidental, durante o período da Idade Média, a arte grecoromana, isto é, clássica, perdeu um pouco de sua importância em detrimento da cultura oriunda dos povos germânicos. Era um mundo em transformação e, por isso, muitos elementos romanos perderam espaço na sociedade para os valores dos germânicos que se instalaram na Europa Ocidental.

De toda forma, ao longo desse período, novas formas artísticas foram surgindo, muitas delas relacionadas diretamente à Igreja Católica e foram resultado das transformações que a Europa enfrentou. Um exemplo é a arte gótica, surgida no século XII e resultado dos

crescimentos das cidades na Europa medieval, a partir do século XI. A Idade Média também presenciou outros estilos artísticos como o da arte islâmica e o da arte bizantina.

A arte clássica ganhou nova força na Europa Ocidental com o Renascimento que ocorreu a partir do século XIV e que foi uma verdadeira revolução nas artes e legou a humanidade nomes como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Caravaggio, entre outros.

Do período da Idade Média e Moderna os historiadores têm dado nova atenção à produção artística produzida na América e realizada pelas civilizações pré-colombianas, destacando-se os incas e as civilizações mesoamericanas como os astecas e os maias.

Os destaques são a arquitetura e as grandiosas construções dessas civilizações e a ourivesaria. Nos séculos XVII, XVIII e XIX novos estilos artísticos surgiam, enquanto transformações profundas na sociedade acontecia, motivados por acontecimentos como a Revolução Industrial e a Revolução Francesa, por exemplo. Exemplos de movimentos artísticos desse período são o barroco, o rococó, o romantismo, o neoclassicismo etc.

A partir do século XX, a gama de movimentos e escolas artísticas é enorme e destacam-se movimentos como o fauvismo, o expressionismo, o cubismo, o abstracionismo, o futurismo, o surrealismo etc.



## **Humanismo e Renascentismo**

Uma das notas mais significativas da nova autoconsciência dos artistas do renascimento é a mudança de atitude para com o trabalho próprio, vale dizer, é o fato de começarem a emancipar-se das encomendas diretas, ainda que muitas vezes estas fossem atendidas com outro estado de espírito.

Ocorre que sem prejuízo das aludidas encomendas, surge também a possibilidade de realizar novos trabalhos partindo-se de livre vontade, ou seja, qualquer vínculo direto com ordens ou encomendas.

A ascensão gradual dos artistas se nota com mais força no início do Cinquecento, momento histórico no qual os mestres famosos já não são protegidos e diretamente orientados pelas encomendas dos patronos, mas são eles próprios grandes senhores, reconhecidos por seus talentos artísticos.

Para que bem se compreenda o trilhar deste caminho de supremacia do gênio criativo, cabe analisar, ainda que de maneira concisa, a relação estabelecida entre o pensamento humanista e a arte renascentista. Em breves notas se pode aqui afirmar que o Humanismo foi um movimento intelectual desenvolvido na Europa durante o renascimento entre os séculos XIV e XVI.

Iniciado em Florença, cidade-estado que representava a prevalência burguesa e a efervescência artística do momento, destacando-se a figura de Francesco Petrarca<sup>3</sup> e de suas concepções claramente inspiradas pela Antiguidade Clássica (greco-romana).

Dentre seus seguidores, podemos citar Dante e Boccaccio. O Humanismo, bom que se ressalte, em verdade, era uma das principais características da nova mentalidade renascentista, que valoriza o ser humano e as suas capacidades de realização, por isto se explicando a procura de fontes autênticas, antigas, o que bem se expressava na frase latina *ad fontes*, registrando-se ainda que os humanistas, pautados em tal concepção, desenvolveram a filologia, atribuindo um papel central ao estudo das línguas e da literatura.

Acreditava-se assim que o homem estava na posse de capacidade intelectual ilimitada, defendendo-se uma educação capaz de desenvolver essas capacidades, contexto que nos remete às reformas de universidades e a criação de colégios por toda a Europa. Muitos desenvolveram habilidades em várias áreas do conhecimento, o que gerou a noção do "homem renascentista" como verdadeiro polímata, ou seja, pessoa cujo conhecimento não se encontra restrito a uma única área.

Esta ideia se desenvolveu fortemente durante a renascença italiana, a partir da noção explicitada por um de seus representantes mais conhecidos, Leon Battista Alberti (1404-1472) no sentido de que "um homem pode fazer todas as coisas que quiser".



Este, em suma, o espírito que incorporou os termos básicos do humanismo renascentista e que considerava o homem forte e ilimitado em suas capacidades, levando à noção de que as pessoas deveriam abraçar todo o conhecimento e desenvolver suas capacidades ao máximo possível.

Não por outro motivo, possível constatar que os renascentistas mais talentosos procuraram desenvolver suas habilidades em todas as áreas do conhecimento, como também no desenvolvimento físico, nas conquistas sociais e nas artes.

Defendiam os humanistas a divulgação de todo o conhecimento, o que, em termos práticos, impulsionado pela nova tecnologia de imprensa, acelerou o florescimento das denominadas línguas vernáculas em detrimento do latim, língua até então franca nos meios acadêmicos.

A circulação relativamente irrestrita de ideias e informação galvanizou populações e desafiou o poder de autoridades políticas e religiosas. Compreensível, destarte, a relação que se estabelece entre a visível emancipação dos pintores, escultores e demais artistas em geral, dos grilhões outrora impostos pelas corporações de ofício e a conseqüente elevação destes ao nível de verdadeiros artistas.

A aliança estabelecida entre humanistas e artistas da renascença igualmente se explica pelo fato de os monumentos artísticos e literários da antiguidade formarem verdadeiro referencial teórico para os humanistas que nutriam admiração pelo talento e pelas obras que retratam o aludido referencial.

Já sob a perspectiva dos artistas, o humanismo significava o apoio para a quebra dos modelos de padrões rígidos das corporações de ofício, bem como trazia a possibilidade de um reconhecimento econômico que entendiam merecido e que intelectualmente já haviam conquistado por si próprios, tudo, a evidenciar o caráter frutífero e intimamente relacionado entre o pensamento filosófico humanista, o desenvolvimento do comércio e das cidades e o notável florescer de uma arte pautada na valorização do homem, da natureza, do belo, em última análise, do clássico, com clara vitória do naturalismo e do racionalismo sobre a tradição medieval.

### **A arte e sua influência na sociedade e na cultura**

Arte e cultura são duas coisas muito importantes no desenvolvimento intelectual e cognitivo de uma pessoa. Sabemos da importância da arte como ferramenta humana para expressão de sentimentos e sensações e percebemos a manifestação artística acontecendo de diversas maneiras nas diversas culturas que existem. A importância da arte e da cultura torna ambas objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento.

A respeito de arte e cultura, podemos destacar que:

- A palavra cultura é derivada de colere, do Latim, que significa “cuidar de”.
- A palavra arte é derivada de ars, do Latim, que significa “técnica”, “habilidade”.
- A cultura é comumente associada com diferentes tipos de artes, como a música, o teatro e a pintura.
- Existe um debate entre os especialistas a respeito do conceito de arte, mas não existe um consenso, uma vez que a noção de arte é bastante abstrata.
- A arte e a cultura de Grécia e Roma antigas são conhecidas como cultura clássica.
- A escultura grega, inicialmente, possuía uma simetria na disposição dos membros do corpo humano e tinha o intuito de ressaltar a beleza humana.
- A escultura romana, diferentemente da grega, primava pela valorização do realismo.
- Os romanos aprenderam técnicas de construção do arco e das abóbadas com os etruscos.

A cultura é uma palavra de origem latina e deriva de colere, que significa “cuidar de”. O sentido original dessa palavra está relacionado com a agricultura e, portanto, o “cuidar de” refere-se a cuidar de algo, de algum item da produção agrícola.

A palavra cultura tomou novo sentido ao longo do tempo. Segundo o dicionário Michaelis, atualmente, a cultura é o “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social”.

O debate conceitual a respeito da definição de cultura é realizado por diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, a história e as ciências sociais. Neste texto, nos nortearmos a respeito do conceito de cultura por meio das definições realizadas pela antropologia, ciência que tem como objeto de estudo o homem e a humanidade.

A definição realizada pela antropologia afirma que cultura é o conjunto que reúne todas as formas de conhecimento, todas as crenças e tipos de moral de um povo, todas as leis, tradições e costumes que são manifestados por determinado

grupo social. Apesar disso, a palavra cultura é comumente associada também com a arte, isto é, música, literatura, dança, escultura, pintura e teatro são considerados demonstrações culturais.

A palavra cultura pode também se referir ao grau de instrução de uma pessoa, pois, na comunicação popular, uma pessoa estudada é considerada uma pessoa “cultura”.

### **Arte e cultura clássicas**

Segundo os professores Fábio da Silva Fortes e Charlene Martins Miotti, o termo clássico foi utilizado, pela primeira vez, por volta do século II d.C., e sua utilização estava vinculada com o Exército.

Com o passar do tempo, o sentido da palavra alterou-se radicalmente e sua utilização passou a ser associada a manifestações culturais, artísticas e intelectuais que são tradicionais. Quando utilizamos a expressão arte clássica ou cultura clássica, estamos referindo-nos à arte e à cultura que foram produzidas pelos gregos e romanos durante a Idade Antiga. Ambas civilizações, inclusive, são conhecidas como civilizações clássicas.

A utilização do termo clássico para essas civilizações faz referência ao que foi explicado no parágrafo anterior. Todo o conhecimento, arte e cultura produzidos pelas civilizações clássicas influenciou consideravelmente o mundo ocidental. O peso da influência de ambas sobre a cultura ocidental faz com que sejam vistas como culturas tradicionais, possuindo, assim, uma importância primordial para a humanidade.

### **Arte na Grécia**

Quando falamos da arte clássica, os gregos são os primeiros a serem lembrados exatamente pelo pioneirismo e inovação dessa civilização nas artes e na cultura. No caso da arte clássica grega, em termos cronológicos, estamos nos referindo àquela produzida durante os períodos arcaico (séculos VIII-V a.C.), clássico (séculos V-IV a.C.) e helenístico (séculos IV-II a.C.) da história grega.

No caso dos gregos, chamam atenção as esculturas de corpos humanos que ressaltavam a beleza humana e, a princípio, tinham uma simetria na posição dos membros que foi sendo perdida. A arquitetura, sobretudo a dos templos, é alvo de grande atenção, bem como as pinturas feitas pelos gregos nas paredes dos templos (conhecidas como afrescos) e nas cerâmicas.

## **Arte em Roma**

No caso dos romanos, considera-se todo o período de extensão do Império Romano, isto é, desde a fundação de Roma, em 753 a.C., até a desagregação do Império Romano com a queda do último imperador, em 476 d.C. No caso da arquitetura, por exemplo, destacam-se o arco e as abóbadas utilizados nas construções e desconhecidos por outras grandes civilizações da Antiguidade, como os gregos.

O conhecimento do arco e da abóbada foi passado aos romanos pelos etruscos, povos que habitavam o Norte da Península Itálica. No caso das pinturas, destacam-se as pinturas encontradas em Vesúvio e Herculano, ambas soterradas por uma erupção vulcânica, em 79 d.C. A escultura romana possuía um estilo mais realista, diferentemente da escultura grega, que procurava ressaltar a beleza humana.

# O PAPEL DA ARTE NA SOCIEDADE

A arte, assim como as ideologias e as teorias políticas, é um produto cultural. Para Marilena Chauí, a arte seria a “eterna novidade do mundo”,<sup>4</sup> e o artista aquele que “busca o mundo em estado nascente”.<sup>5</sup> Através da obra de arte a realidade se revela, o instituído passa ao instituinte, num constante desvendamento do mundo.

Enfim, a arte permite a criação de realidade nova através de um universo já conhecido, ela transfigura, transforma, dota este universo de novas significações. Muito pode ser descoberto de um povo ou período pelos artefatos encontrados.

O fazer artístico expressa muito sobre o indivíduo, que está inserido no coletivo e, portanto, influencia e é influenciado pelo meio em que vive. Por ter essa capacidade de acessar conhecimentos e sentimentos profundos, a arte pode ser usada de diferentes formas na sociedade.

Boa parte das relações sociais são estruturadas em conceitos complementares e invariáveis sem que sejam questionados ou analisados seus aspectos contrastantes, se limitando a valores absolutos e formatos do mundo contemporâneo, sempre preocupado com seus problemas modernos sem solução onde as relações humanas apresentam-se de maneira extremamente fechadas.

Tais conceitos incrustados no imaginário popular agem como um teatro de um sistema cultural e social em que vem à tona um mínimo de material criativo e apagam-se lembranças e memórias que viriam a constituir um novo presente de ideias construtivas. Esse ato de dominar a realidade e estabelecer atitudes de formação ideológica e cultural cria uma distância entre objeto e arte, impedindo a visão subjetiva do estético, do belo e sepultando o grande motivo da arte, que é o sentimento e a reflexão, aliados a técnica.

Encontramo-nos num momento perigoso e real onde há um movimento de alteração e transformação de valores de ordem artística, social e política onde a questão primordial é a degradação e o domínio cego do homem e de suas emoções sob justificativas sem nenhuma definição, lógica ou sentido, beirando o irracional. E a quem atribuímos tal desagravo? Aos governantes, meios de comunicação, família ou talvez o universo globalizado?

Tais instituições e circunstâncias não manifestariam atitudes de gradativas se não pelas teorias defeituosas de pessoas sem qualquer respeito pela cultura e seus valores emocionais, preocupadas apenas com seus valores autônomos e de consumo.

O desenvolvimento da tecnologia eletrônica invadiu nosso cotidiano com uma gama de informações muito grande e diversificada porém, não sabemos disponibilizar isso de forma homogênea e ordenada, então nos atiramos a

velocidade e a massificação imposta pela modernidade, tornando-nos a cada dia mais seduzidos e escravizados pelo ambiente industrializado da mídia e do marketing que torna a linguagem ou qualquer coisa que projetem na sociedade um mero objeto de consumo.

A tecnologia não é o centro do processo cultural e artístico, mas sim o veículo que deveria direcionar e estimular com uma postura crítica e criativa a curiosidade do homem. A arte e o passado cultural se veem fadados ao colapso para dar lugar a uma cultura de consumo que não enxerga o abismo a seus pés e cada vez mais se afasta da emoção e da criatividade mergulhando na fantasia vertiginosa imposta pelos sistemas social, econômico e cultural deteriorando os valores do ser humano por propósitos meramente financeiros, dominadores e destrutivos.

Essas são questões em que se faz necessário repensar e questionar as circunstâncias com que são abordados os diversos modos de realidade, o consumo humano e a liberdade para a reflexão, associando as práticas cotidianas ao processo de desenvolvimento e humanização da cultura. Desta forma cabe a sociedade num todo, mobilizar ações que venham a criar consciência e valorização aos propósitos artísticos de real substâncias e conteúdo, respeitando os limites da postura e do procedimento do valor cultural, valendo-se para isso da memória histórica da arte.

Os artistas de um modo geral, embora permaneçam assustados diante das expressivas ferramentas do sistema massificado, sabem que é notória a destruição das bases do processo criativo e que é preciso encontrar soluções que viabilizem a revolução da arte nos vários campos de atividade humana. A arte é um ponto de contato entre os homens; por meio dela há uma comunicação maior de alma para alma.

A identificação de sensibilidades aproxima o espectador do artista, ou seja, do sentimento transmitido pelo objeto criado "A obra de arte, por concreta e objetiva que seja, não possui efeitos constantes e inevitáveis, exige a cooperação do espectador e a energia que este coloca dentro dela, recebeu o nome especial de 'empatia' ". (Herbert Riad). A comunicação artística é a descoberta pelo espectador, na obra criada, de seus próprios sentimentos e emoções.

Assim como toda a criação é acompanhada de alegria interior, também a comunicação do sentimento humano através da beleza artística realiza-se num clima de alegria e compreensão. "A música, ao contrário das outras artes, emociona mais rapidamente. Pode orgulhar-se mesmo de arrastar multidões. E eis o comovente espetáculo de milhares de ouvintes, em religioso recolhimento, dominados apenas pelo poder da arte". (Matteo Marangoni).

Muitas vezes, o artista é o porta-voz de seus contemporâneos. Ele tem o poder de envenenar ou elevar as massas, já que uma obra de arte irmana e influencia os homens. Daí a preocupação dos estados totalitários em manobrar os artistas, como instrumentos políticos, na defesa de seus interesses. Eles sabem que a arte falando, diretamente, ao coração do homem é a melhor mensageira de suas ideias. Sentindo a comunicação da beleza através da arte, já somos, de certo modo, artistas também.

Na música, na dança, nas artes visuais e no cinema, esta comunicação se faz com maior facilidade entre povos de raças diferentes, porque não existe a barreira da língua. Podemos receber, diretamente, a mensagem de beleza que um Beethoven ou um Bach nos trazem, podemos admirar as obras de artistas do passado, de um Miguel Ângelo, um Greco, um Goya. E vemos que a verdadeira arte não envelhece, mas permanece, ao lado de nossa vida efêmera. Poucas coisas permanecem tão vivas como a arte, para identificar cada geração.

## A ARTE EM DIFERENTES ÁREAS DA VIDA

### **Expressão do ser humano**

Talvez essa seja a função mais conhecida da arte, ou a mais aceita. São os quadros que expressam as angústias pessoais do autor, as poesias que falam da alma do artista, o grafite no muro que reage a movimentos políticos etc.

É por meio da arte que o ser humano consegue dividir suas experiências e compartilhar sentimentos com todos aqueles que estiverem disponíveis, dispostos e sintonizados. Dessa forma, a arte é livre e não pode ser imposta. É preciso estar aberto para receber e sentir o seu significado, que também será pessoal e íntimo. Tanto o artista que cria a obra quanto a audiência que a aprecia participam do processo de expressão do ser humano.

A construção dos significados relaciona-se com a essência de cada um e, portanto, será exclusiva de cada indivíduo que faz e recebe. Esse espaço de criação e experimentação é intrínseco de todos, sendo assim, todos são artistas, mesmo que não percebam.

Ao escrever uma carta, falar sobre seus sentimentos ou presentear um amigo com algo feito por suas próprias mãos, a arte é usada como expressão íntima e única. Já sob a perspectiva dos artistas, o humanismo significava o apoio para a quebra dos modelos de padrões rígidos das corporações de ofício, bem como trazia a possibilidade de um reconhecimento econômico que entendiam merecido e que intelectualmente já haviam conquistado por si próprios, tudo, a evidenciar o caráter frutífero e intimamente relacionado entre o pensamento filosófico humanista, o desenvolvimento do comércio e das cidades e o notável florescer de uma arte pautada na valorização do homem, da natureza, do belo, em última análise, do clássico, com clara vitória do naturalismo e do racionalismo sobre a tradição medieval.

A independência para a construção do trabalho e a própria concepção do gênio inerente ao artista renascentista será analisada nas próximas linhas sob o prisma de um dos artistas mais completos e mais brilhantes do renascimento.

## **Comunicação**

Transpondo barreiras linguísticas, a arte tem a capacidade de comunicar sem palavras. Diferentes grupos e povos podem transmitir uma série de informações por meio da arte, criando uma conexão profunda e presente, que muitas vezes não é possível por meio apenas das palavras.

Se nos remetermos ao início da expressão artística (e ao início do próprio homem), com a Arte Rupestre, conseguimos compreender que está sempre foi um dos principais elementos da comunicação humana.

Para entendermos essa relação entre arte e comunicação, é preciso analisar primeiramente as características e o processo de ocorrência desses acontecimentos. Para que ocorra arte é necessário a produção(criação) humana com valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta) que sintetizam as suas emoções, sua história, seus sentimentos e/ou a sua cultura.

A arte pode apresentar-se de variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura etc. Já para que ocorra um processo de comunicação é necessário termos um emissor, um receptor, uma mensagem e um meio ou suporte de divulgação desta mesma mensagem.

No caso da arte, é fácil perceber a sua relação com comunicação, quando assumimos como emissor o autor, como receptor o observador, como mensagem a obra, e como meio ou suporte a forma na qual a obra é produzida.

‘No entanto, esta comunicação só é bem-sucedida se emissor e receptor partilharem o código através do qual a mensagem é disponibilizada. A partir desses pressupostos é fácil identificar a estreita relação entre comunicação e arte, tendo em vista que a arte já nasce pela necessidade de se comunicar. Arte é comunicação.

Basta você entender a mensagem que ela está querendo transmitir, percebendo que aquela expressão, que se mostra na forma de arte, não tem como único propósito existir como belo. Note a arte como forma de comunicação. Só é preciso “conversar” com ela, descobrir o seu código e assim perceber que ela tem algo a nos dizer.

## **Educação com arte**

Embora o modelo de formação acadêmico seja ainda o mais reconhecido e aceito, outras formas de aprendizado estão ganhando destaque como forma complementar e igualmente importante.

As pessoas têm perfis e formas de assimilar conteúdos diferentes: alguns são mais visuais, outros absorvem mais informações pela audição, outros precisam escrever e esquematizar. A arte é uma forma de abrir o leque e democratizar a



educação, para que pessoas com esses tipos diferentes de aprendizados possam ser contemplados também.

A arte educação tem ocupado um lugar secundário na educação formal. No entanto, descobertas científicas dos últimos 30 anos mostram que somente a arte educação desenvolve certas áreas do conhecimento, como a percepção visual e auditiva, a expressão corporal, a intuição, o pensamento analógico, concreto e holístico e a reflexão.

Isso ocorre porque, quando se exerce práticas artísticas, é exigido um tipo de pensamento que é processado pelo hemisfério direito do cérebro. Por outro lado, quando se cria arte, são exigidas reflexão e conceitualização, o que é processado pelo hemisfério esquerdo.

Em 1970, Dr. Roger Sperry ganhou um prêmio Nobel por suas pesquisas sobre a lateralidade cerebral. Ele demonstrou que cada hemisfério do cérebro processa estímulos de uma maneira peculiar. Nos anos seguintes, muitos outros cientistas aprofundaram suas pesquisas, seguindo o caminho que Dr. Sperry abriu.

Um desses pesquisadores é Dr. Howard Gardner, que desenvolveu a Teoria das Múltiplas Inteligências. Trabalhando em Harvard University, no Project Zero, ele mostrou que o cérebro lida com inteligências diversas.

O lado esquerdo do cérebro contém as inteligências lógicas e linguísticas, ou seja, o Q.I. O lado direito contém as inteligências visual, musical e corporal - as inteligências artísticas - e as inteligências interpessoal e intrapessoal, que Dr. Daniel Goleman posteriormente chamou de Q.E., o quociente emocional.

A partir dessas descobertas, podemos afirmar que, para cada inteligência existe uma linguagem básica. A matemática e as línguas faladas são as linguagens básicas do Q.I. O desenho, a música e a linguagem corporal são as linguagens que correspondem às inteligências artísticas. No entanto, nem temos nomes para as linguagens que correspondem à Inteligência Emocional!

As implicações dessas revelações ainda não foram absorvidas pelos sistemas vigentes de educação, que se baseiam no desenvolvimento de conhecimentos ligados ao Q.I. O lado esquerdo do cérebro realmente é o dominante e é muito importante habilitar as pessoas no seu uso.

Mas, as inteligências do lado direito do cérebro fornecem informações de igual importância. Ademais, Dr. Gardner também demonstrou que ninguém possui todas as inteligências e que cada pessoa tem uma inteligência dominante.

As pessoas só conseguem ser criativas nas áreas em que precisam utilizar a sua inteligência dominante. Mas qualquer pessoa pode aprender todas as linguagens. Portanto, acredito que, diante dessas revelações, qualquer sistema de educação deve partir do objetivo de ensinar todas as linguagens básicas e identificar as inteligências que cada aluno possui.

Portanto, a arte educação tem de ser colocada de uma maneira totalmente diferente do que é agora. O desenvolvimento da "expressão" se torna muito menos importante. O enfoque no resultado artístico se restringe à especialização e quando

se lida com alunos que possuem inteligência artística. Para todos os outros, o mais importante são os processos em que se envolvem.

O desenho e o teatro são particularmente importantes. Num mundo em que a imagem é fonte de cada vez mais informação e influência, torna-se imperativo que as pessoas conheçam como a linguagem visual funciona, quais elementos a formam e quais são os fundamentos que a regem. O ensino do desenho proporciona justamente isso, por ser ele a base da linguagem visual, mas não deve ser confundido com ensinar a desenhar, que é exercer o desenho para produzir uma imagem gráfica.

Representar em peças teatrais é uma das melhores maneiras de desenvolver a linguagem interpessoal. Num mundo em que a criatividade pessoal se torna cada vez mais importante e onde cada pessoa precisa fazer mais escolhas do que era imaginável há 50 anos, é imperativo que os sistemas educacionais sejam profundamente revistos.

Os sistemas adotados atualmente nas escolas públicas no mundo todo foram criados muito antes da "era da informação" e estão lamentavelmente inadequados para preparar e formar crianças agora e para um mundo em rápida transformação.

### **Arteterapia**

A arte também pode ser uma ferramenta de terapia, cura, autoconhecimento e análise. Muitos elementos podem ser usados, como desenhos, música, teatro e artesanato, para ajudar uma pessoa a acessar sentimentos, memórias e conhecimentos, trazendo à tona bloqueios, traumas e questões que precisam ser analisadas e trabalhadas.

# ARTETERAPIA

A arteterapia é um procedimento terapêutico que funciona como um recurso que busca interligar os universos interno e externo de um indivíduo, por meio da sua simbologia.

É uma arte livre, conectada a um processo terapêutico, transformando-se numa técnica especial, não meramente artística. É uma forma de usar a arte como uma forma de comunicação entre o profissional e um paciente, buscando uma produção artística a favor da saúde.

Embora seja uma atividade milenar, a arteterapia só suas técnicas terapêuticas solidamente no início do século XIX, pelo médico alemão Johann Reil. Ele cunhou um procedimento terapêutico, com finalidade psiquiátrica, onde se utilizou de formas artísticas, como desenhos, sons e textos.

Posteriormente, estudos mais profundos encontraram conexões entre a arte e a psiquiatria. O célebre Jung também passou a trabalhar com a arte, como uma forma de atividade criativa que poderia expressar a personalidade do indivíduo. No Brasil, o psiquiatra Ulysses Pernambucano, no início do século XX, desenvolveu trabalhos que estimulavam a expressão artística dos pacientes.

Hoje, a arteterapia se desenvolveu bastante, estando introduzida em diversos campos e com a formulação, proposta pela União Brasileira das Associações de Arteterapia - UBAAT, de critérios mínimos que guiam a formação deste profissional.

O exercício da arteterapia deve ser fundamentado em diferentes referenciais teóricos, como os da psicanálise, da psicologia analítica, dentre outras técnicas vindas principalmente dos campos da psicologia, que considera essencial a compreensão do arteterapeuta sobre o que é o ser humano. De acordo com a abordagem tomada pelo arteterapeuta, os conceitos usados por ele podem se diferenciar bastante.

Na psicologia analítica de Jung, por exemplo, a arte tem o objetivo criativo, fazendo com que a psique do indivíduo possa ser expressa através de imagens ou de símbolos, colocando ali seus sentimentos mais intensos e profundos.

De acordo com esse entendimento, deve-se também analisar os sonhos do indivíduo pois, para Jung, esses também são formas de criações artísticas, porém inconscientes, que o arteterapeuta pode tentar buscar um significado.

Partindo do princípio de que é muito difícil que um paciente consiga falar sobre alguns de seus conflitos pessoais ou traumas, a arteterapia se utiliza desses recursos artísticos para que essas expressões possam ser delineadas e analisadas, sempre buscando obter uma maior compreensão do indivíduo, trabalhando afim de

encontrar uma espécie de libertação emocional, em que o indivíduo possa manifestar seus sentimentos de dor numa plataforma mais evasiva.

O procedimento criativo envolvido na atividade artística pode ser terapêutico e enormemente enriquecedor sobre qualidade de vida dos pacientes. Por intermédio da expressão artística do pensar sobre os produtos resultantes, pessoas podem dilatar o conhecimento sobre si mesmas, aprendendo a lidar melhor com sintomas de stress e experiências traumáticas, melhorar seus recursos cognitivos, além de poderem usufruir das propriedades revitalizantes da produção artística. Uma obra de arte pode, por si só, imprimir emoções como alegria, desespero e dor, de uma forma completamente particular, relacionada ao estado mental em que se encontra aquele indivíduo.

A procura da arteterapia é uma forma simples para resolução de confusões pessoais, é a possibilidade da catarse emocional de forma direta e não intencional.

### **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**

Arteterapia é uma área de atuação profissional que utiliza recursos artísticos com finalidade terapêutica (Carvalho, 1995). Na definição da Associação Brasileira de Arteterapia, “é um modo de trabalhar utilizando a linguagem artística como base da comunicação cliente profissional. Sua essência é a criação estética e a elaboração artística em prol da saúde”.

Conforme delimita a Associação, a arteterapia é uma especialização destinada a profissionais com graduação na área da saúde, como Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, embora se reconheça sua utilização por pessoas formadas nas áreas das artes e da educação, desde que sem o enfoque clínico.

A arteterapia usa a atividade artística como instrumento de intervenção profissional para a promoção da saúde e a qualidade de vida, abrangendo hoje as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança.

Tendo em vista a formação do profissional e o público com o qual trabalha, a arteterapia encontra diferentes aplicações: na avaliação, prevenção, tratamento e reabilitação voltados para a saúde, como instrumento pedagógico na educação e como meio para o desenvolvimento (inter) pessoal através da criatividade em contextos grupais.

Desse modo, o campo de atuação da arteterapia tem se ampliado, abrangendo além do contexto clínico também o educacional, o comunitário e o organizacional. No entanto, o desenvolvimento da arteterapia como área específica de trabalho deu-se na Psicologia, ligado primordialmente à questão da saúde mental, como veremos adiante.

Hoje a arteterapia não está mais restrita aos consultórios, revelando-se um valioso instrumento para intervenções também nas áreas da Psicologia social,

escolar, organizacional, da saúde e hospitalar. O que se quer mostrar aqui é que a arte é um poderoso canal de expressão da subjetividade humana, que permite ao psicólogo e a seu cliente, seja ele um indivíduo, seja um grupo, acessar conteúdos emocionais e retrabalhá-los através da própria atividade artística.

Uma grande diversidade de temas, desde traumas e conflitos emocionais, aspectos das relações interpessoais em um grupo, expectativas profissionais, gênero e sexualidade, identidade pessoal e coletiva, entre outros, podem ser abordados pelo psicólogo através da arte. Ela é uma ferramenta que amplia as possibilidades de expressão, indo além da abordagem tradicional, que é baseada na linguagem verbal.

A mediação da arte na comunicação apresenta algumas vantagens, entre as quais a expressão mais direta do universo emocional, pois não passa pelo crivo da racionalização que acompanha o discurso verbal.

Além disso, com a atividade artística, facilitamos o contato do sujeito com suas questões por um viés criativo, e não apenas dando forma a determinado conteúdo subjetivo, mas também podendo reconfigurá-lo em novos sentidos. O modo como esse processo acontece encontra diferentes explicações em função da perspectiva teórica considerada, como será analisado adiante, mas a ideia central é essa: a atividade criadora como um instrumento e a arte como um caminho de transformação subjetiva.

Como método de trabalho do psicólogo, a arteterapia poderá ser adaptada a diferentes objetivos, bem como sustentada sobre diferentes abordagens teóricas, cabendo ao psicólogo a escolha da linha com que mais se identifique. Neste artigo, serão enfocadas as abordagens consideradas principais e que foram as primeiras a marcar presença no desenvolvimento da arteterapia: psicanálise, junguiana, gestalt.

Embora cada uma delas tenha seu modo próprio de trabalhar com o fazer criativo, todas reconhecem que a arte promove o autoconhecimento e potencializa a criatividade, habilidades essenciais ao desenvolvimento, tanto de um indivíduo como de um grupo com quem o psicólogo esteja trabalhando. No trabalho arteterapêutico não há julgamento da qualidade das produções.

Os conceitos de beleza não são, então, considerados, eliminando-se a preocupação de se efetuar algo aceitável pelos outros. Sem o incômodo causado pela censura, passa-se a priorizar a expressão dos sentimentos, especialmente daqueles que estão fincados na essência do cliente.

Em um ambiente descontraído, onde não há medo de não ser aceito, passa-se a ter maior liberdade psicológica e as emoções podem ser expressas sem limitações, facilitando o aparecimento espontâneo das potencialidades do indivíduo. Ausente o controle racional, torna-se mais fácil a manifestação inconsciente. (Golinelli, 2002).

Golinelli (2002) comenta a importância do ambiente onde são realizadas as sessões de arteterapia. Segundo a autora, o setting arteterapêutico bem planejado propicia um clima de descontração, valorizando as diferenças. O cliente deve sentir segurança e liberdade, para que permita emergir e expressar seus sentimentos, podendo se utilizar de qualquer material que a arte lhe proporciona.

## **Histórico da arteterapia**

Entre os anos 20-30, as teorias de Freud e Jung trouxeram as bases para o desenvolvimento inicial da arteterapia como campo específico de atuação, segundo descrevem Carvalho e Andrade (1995). Os autores relembram que Freud (1856-1939), ao analisar algumas obras de arte (por exemplo, o Moisés, de Michelangelo), observou que elas expressavam manifestações inconscientes do artista, considerando-as uma forma de comunicação simbólica, com função catártica.

A ideia freudiana de que o inconsciente se expressa por imagens, tais como as originadas no sonho, levou à compreensão das imagens criadas na arte como uma via de acesso privilegiada ao inconsciente, pois elas escapariam mais facilmente da censura do que as palavras. Apesar desse grande achado, o próprio Freud não chegou a utilizar a arte como parte do processo psicoterapêutico.

Jung (1875-1961), ilustre discípulo de Freud, com quem posteriormente rompeu ao desenvolver sua própria teoria, a Psicologia analítica, foi quem propriamente começou a usar a linguagem artística associada à psicoterapia. Diferentemente de Freud, que considerava a arte uma forma de sublimação das pulsões, Jung considerava a criatividade artística uma função psíquica natural e estruturante, cuja capacidade de cura estava em dar forma, em transformar conteúdos inconscientes em imagens simbólicas (Silveira, 2001).

Ele sugeria aos seus pacientes que desenhassem ou pintassem livremente seus sonhos, sentimentos, situações conflitivas etc., analisando as imagens criadas por eles como uma simbolização do inconsciente individual e coletivo (Andrade, 2000). Jung utilizava o desenho livre para facilitar a interação verbal com o paciente e porque acreditava “na possibilidade de o homem organizar seu caos interior utilizando-se da arte” (Andrade, 2000, p.52).

Partindo dessas duas vertentes teóricas, o uso da arte como instrumento terapêutico foi progressivamente ganhando espaço. A educadora norte-americana Margareth Naumburg (1890-1983) pode ser considerada a fundadora da arteterapia, pois foi a primeira a sistematizá-la, em 1941 (Andrade, 1995, 2000). Seu trabalho é denominado Arteterapia de Orientação Dinâmica, e foi desenvolvido com base na teoria psicanalítica (Naumburg, 1966).

Nessa perspectiva, as técnicas de arteterapia visam a facilitar a projeção de conflitos inconscientes em representações pictóricas, sendo esse material submetido à interpretação seguindo o modelo teórico proposto por Freud.

## **Arteterapia no Brasil**

No Brasil, a história da arteterapia nasce na primeira metade do século passado entrelaçada com a psiquiatria e influenciada tanto pela vertente psicanalítica quanto pela junguiana. Estas encontram-se representadas respectivamente nas figuras de Osório Cesar (1895-1979) e Nise da Silveira (1905-1999), psiquiatras precursores no trabalho com arte junto a pacientes em instituições de saúde mental.

Ambos contribuíram para o desenvolvimento de uma outra abordagem frente à loucura, contrapondo aos métodos agressivos de contenção vigentes na época (eletrochoque, isolamento) à possibilidade de expressão da loucura e de sua eventual cura através da arte.

Conforme relata Silveira, nesse caminho alternativo, construiu-se um tratamento mais humano, com inegáveis efeitos terapêuticos na reabilitação dos pacientes, que promovia “a recuperação do indivíduo para a comunidade em nível até mesmo superior àquele em que se encontrava antes da experiência psicótica” (2001, p.19).

Em 1923, Osório Cesar já era estudante interno no Hospital Psiquiátrico de Juqueri, localizado em Franco da Rocha, região metropolitana de São Paulo, e, a partir de 1925, aí trabalhou como médico ao longo de 40 anos (Andriolo, 2003). Já em 1925, cria a Escola Livre de Artes Plásticas do Juqueri, e, em 1948, é o organizador da 1ª Exposição de Arte do Hospital do Juqueri, no Museu de Arte de São Paulo (Carvalho & Andrade, 1995).

Sobre seu trabalho de arte com psicóticos, o Dr. Osório publica, em 1929, sua obra principal, *A Expressão Artística nos Alienados*, na qual apresenta seu método de classificação e de análise de obras de arte de pacientes psiquiátricos. Andriolo (2003) considera a importância do pensamento de Osório Cesar, localizando-o no início da formação do campo da Psicologia da arte no Brasil, onde sua obra representaria um exemplo consistente de leitura freudiana de arte, embora hoje passível de crítica pelo reducionismo da obra artística a uma psicologia individual e patologizante, em detrimento dos seus aspectos históricos e sociais.

No que tange à história da arteterapia, Carvalho e Andrade destacam o papel de Osório Cesar pela contribuição que trouxe no plano teórico, ao articular os conceitos freudianos à análise da arte, considerando-o o precursor no Brasil da análise da expressão psicopatológica de doentes mentais (1995, p.34).

Na perspectiva psicanalítica clássica, Osório Cesar analisa a simbologia sexual presente nas produções artísticas de seus pacientes, compreendendo a obra de arte como uma representação dos desejos pessoais do autor, disfarçados nos elementos simbólicos presentes nas imagens (Cesar, 1944).

Devemos levar em conta ainda a relevância do trabalho de Osório Cesar para a valorização da arteterapia, pois ele realizou mais de 50 exposições divulgando a expressão artística de doentes mentais, procurando, com isso, afirmar a dignidade humana dessas pessoas (Andrade, 2000). Em termos da prática, de acordo com Carvalho e Andrade, o seu método era baseado na espontaneidade e na crença de que o fazer arte já propiciava a cura por si', por ser um veículo de acesso ao conhecimento do mundo interior (1995, p.34).

A psiquiatra Nise da Silveira trabalhava no Centro Psiquiátrico D. Pedro II, em Engenho de Dentro, Rio de Janeiro. Em 1946, assumiu a Seção de Terapêutica Ocupacional, onde os pacientes realizam variadas atividades expressivas (sobretudo pintura e modelagem), dando-lhe uma nova orientação, pois, para ela, a terapia com arte não deveria ter a finalidade de distrair, mas de contribuir efetivamente para a cura dos pacientes. Em 1952, ela criou, na mesma instituição, o Museu de Imagens do Inconsciente, composto pelo acervo crescente das obras produzidas pelos internos, que conta com mais de 300.000 documentos plásticos, entre telas, papéis e esculturas.



Desse modo, constituiu um rico campo de pesquisa, em que a prática realizada na Seção de Terapêutica Ocupacional era respaldada pelo estudo do valor terapêutico da atividade criadora, a partir da investigação das imagens arquivadas no Museu de Imagens do Inconsciente.

Essa trajetória é narrada por ela no livro *O Mundo Das Imagens* (Silveira, 2001), no qual explica seu método e traz diversos exemplos de análise de obras de arte no processo psicoterapêutico de pacientes, em uma leitura junguiana. Embora seja considerada uma pioneira na história da arteterapia no Brasil (Carvalho & Andrade, 1995; Andrade, 2000), Nise da Silveira não aceitava essa denominação ao seu trabalho, preferindo designá-lo terapêutica ocupacional.

Ela considerava que a palavra arte trazia uma conotação de valor, de qualidade estética, que não tinha em vista ao utilizar a atividade expressiva com seus pacientes (Silveira, 2001). Apesar disso, críticos de arte como Mário Pedrosa e outros que passaram a frequentar o Museu de Imagens do Inconsciente reconheceram ali “verdadeiras obras de arte”, como analisa Frayze-Pereira (2003). Outros aspectos a embasar a crítica de Nise da Silveira à arteterapia é que esta se caracteriza pela intervenção do terapeuta, enquanto, na prática adotada em Engenho de Dentro, as atividades realizadas pelos pacientes eram absolutamente



livres, suas criações davam-se espontaneamente a partir do material disponibilizado nos ateliers, sendo apenas acompanhadas por uma monitora, mas não dirigidas por ela.

Nisso encontramos uma distinção não somente metodológica mas também teórica, pois Nise da Silveira, junguiana, refere-se especificamente à arteterapia desenvolvida por Margaret Naumburg, psicanalítica, na qual o paciente é dinamicamente orientado, a partir da relação transferencial, a descobrir a significação de suas criações, um processo de interpretação que não ocorria na abordagem proposta por Nise da Silveira.

Para ela, a função terapêutica da arte era permitir a expressão de vivências não verbalizáveis por aqueles que se encontravam imersos no inconsciente, ou seja, em um mundo fora do alcance da elaboração racional, cabendo ao terapeuta a tarefa de “estabelecer conexões entre imagens que emergem do inconsciente e a situação emocional vivida pelo indivíduo” (2001, p.18).

Nessa tarefa, apoiava-se sobretudo na psicologia analítica de Jung, de onde derivou uma das mais importantes abordagens em arteterapia, de cujos conceitos principais iremos tratar adiante. Para Nise da Silveira, as produções artísticas não somente trazem elementos esclarecedores acerca do processo psicótico (sobretudo quando as obras de um mesmo autor são examinadas em série, revelando temas recorrentes) mas também trazem um valor terapêutico em si mesmas, “pois davam forma a emoções tumultuosas, despotencializando-as, e objetivavam forças auto curativas que se moviam em direção à consciência, isto é, à realidade” (2001, p.17). Para os pacientes, a atividade criadora permitia não somente dar uma forma ao seu tumulto emocional, mas também transformá-lo por meio dessa expressão.

Nise da Silveira destaca que a eficiência do tratamento através de atividades expressivas se revelou na diminuição da porcentagem de recaídas na condição psicótica e de reintegrações de pacientes beneficiados por esse trabalho em Engenho de Dentro, especialmente quando os egressos continuaram com algum acompanhamento. Este foi viabilizado por ela com a criação da Casa das Palmeiras, em 1956, instituição pioneira no atendimento de pacientes em regime de portas-abertas.

O trabalho de Nise da Silveira inaugurou um novo olhar acerca da relação entre arte e loucura. Conforme analisa Frayze-Pereira, o Museu de Imagens do Inconsciente se constituiu, desde sua origem, como “um núcleo de pesquisa da esquizofrenia” (2003, p.198).



No entanto, mais do que somente dar acesso à interioridade dos esquizofrênicos e levar as suas obras ao conhecimento do grande público, o autor destaca a importância do Museu na formação de um novo campo de sentidos, “que abre a passagem entre o hospício e o mundo das imagens, campo que articula Psicologia, arte e política numa trama cultural” (2003, p.198).

Nesse campo, a arte não só é instrumento de transformação da realidade interna do esquizofrênico como também de sua realidade externa, à medida que sua expressão ganha o espaço do Museu: “na moldura de uma exposição legitimada pela cultura, a ‘expressão marginal’ certamente ganha o selo de ‘obra de arte’. O marginal, o louco, o psiquiatrizado, torna-se artista e aos olhos do espectador, gênio” (2003, p.204).

Embora os psiquiatras Osório César e Nise da Silveira sejam pioneiros no trabalho com terapias expressivas no Brasil, o desenvolvimento da arteterapia e sua sistematização no campo específico da Psicologia se deram posteriormente. Conforme descreve Andrade (2000), na construção desse campo, destaca-se Maria Margarida M. J. de Carvalho, que, em 1980, implantou o primeiro Curso de Arteterapia no Instituto Sedes Sapientae, em São Paulo. Ela é psicóloga clínica, foi professora do Instituto de Psicologia da USP e coordenadora, em 1995, do livro *Arte Cura? Recursos Artísticos em Psicoterapia*.

Outro marco destacado por Andrade foi a criação, em 1982, da Clínica Pomar, no Rio de Janeiro, coordenada por Angela Philippini, onde se oferece curso de formação em arteterapia de orientação junguiana. Já em 1990, outra abordagem entra no cenário da arteterapia brasileira, ao ser implantada uma especialização em arteterapia gestáltica por Selma Ciornai, no Sedes Sapientae. Desde então, a arteterapia vem crescendo cada vez mais, ganhando outros espaços além da clínica e outras molduras teóricas, como a rogeriana, a antroposófica e a transpessoal, entre outras.

### **Pressupostos fundamentais na arteterapia**

Embora possa ser desenvolvida a partir de diferentes referenciais teóricos, a arteterapia se define em todos eles por um ponto em comum: o uso da arte como meio à expressão da subjetividade. Sua noção central é que a linguagem artística reflete (em muitos casos melhor do que a verbal) nossas experiências interiores, proporcionando uma ampliação da consciência acerca dos fenômenos subjetivos (Ciornai, 1995). Liomar Quinto Andrade, que é psicólogo clínico e autor do livro *Terapias Expressivas*, publicação oriunda de sua tese de doutorado pela USP, define que “a expressividade ou a arte se torna um instrumento de trabalho quando combinada a um objetivo educacional ou terapêutico, apresentando como pressupostos fundamentais da arteterapia:

a) a expressão artística' revela a interioridade do homem, fala do modo de ser e visão de cada um e seu mundo. Esse ato revela um suposto sentido, e cada teoria e método em arte- terapia e terapia expressiva se apodera desse ato diferentemente, b) por intermédio desse fazer arte', expressar-se, o terapeuta pode estabelecer um contato com o cliente possibilitando a este último o autoconhecimento, a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento e o desenvolvimento geral da personalidade (Andrade, 2000, p.18)

Acredito que o autor utilize aspas quando remete à arte porque, no âmbito da arteterapia, as atividades expressivas não têm uma finalidade estética, ou seja, a produção artística não é realizada e analisada por seu valor estético como obra de arte, ainda que muitas vezes seja posteriormente reconhecida como tal pelo público, a exemplo do desenho seguinte:



O autor do trabalho, Raphael Domingues (1912-1979), foi um dos pacientes-artistas de Engenho de Dentro que participaram de importantes exposições, dentre as quais uma realizada em 1949, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, cuja repercussão na imprensa e no meio artístico é examinada por Dionísio (2001).

O autor lembra que, nessa ocasião, o crítico de arte Mário Pedrosa cria o termo arte virgem para designar os trabalhos dos nove participantes, então pacientes da Dra. Nise da Silveira. Entre eles, Raphael e Emygdio de Barros (1895-1986) são hoje vistos como grandes artistas esquizofrênicos. À parte a discussão sobre a qualidade artística ou não dos trabalhos produzidos em arteterapia, o importante para o psicólogo é que a atividade expressiva se torne um instrumento à expressão e à reflexão dos sujeitos. Como atividade terapêutica, o que aqui se pretende não é propriamente fazer arte, mas sim, exercitar a

criatividade, proporcionar que no fazer criativo se produzam outros modos de objetivação e de subjetivação.

Desse modo, ela pode ser utilizada como recurso no contexto da clínica, da educação, da comunidade, da saúde pública, das empresas, em intervenções na área de dificuldades físicas, cognitivas, emocionais e sociais junto a indivíduos, famílias, grupos sociais e equipes de trabalho.

Uma característica comum às terapias com arte é que, por meio da vivência expressiva, o sujeito pode dar-se conta do que de fato sente e, durante esse processo, pode verdadeiramente fazer algo que assim o represente e a ele faça sentido (Andrade, 2000, p.33). Portanto, na arteterapia, o fazer artístico se constitui como mediação no processo de autoconhecimento e de (re) significação do sujeito acerca de si próprio e de sua relação com o mundo.

Outro ponto compartilhado entre as diferentes abordagens é o reconhecimento da função terapêutica inerente à própria atividade artística e diretamente ligada à criatividade. Para Ostrower, “criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo, é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e é transmiti-los (2004, pp. 9,142).

Assim, o sentido da arte como ferramenta para o psicólogo não se restringe à sua função meramente expressiva, mas amplia-se pelo poder transformador da arte como ação criadora. E aqui compreendo arte como um processo de formatividade, ideia desenvolvida pelo filósofo italiano Luigi Pareyson (1918-1991), que definiu a atividade artística como um formar, cujo resultado é um ser, uma forma inteiramente nova, pois a arte “é um tal fazer que, enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer” (1984, p.32).

Na perspectiva histórico-cultural em Psicologia, a atividade criadora é compreendida como um processo no qual o sujeito reorganiza diversos elementos de sua experiência, combinando-os de modo diferenciado e, com isso, produzindo o novo (Vygotski, 1990).

Nessa atividade, ele parte do que está dado, do que é conhecido, reconfigurando em uma nova forma a partir da imaginação, o que culmina na objetivação do produto da imaginação, a qual, ao materializar-se na realidade, traz consigo uma nova força, que se distingue por seu poder transformador frente à realidade da qual partiu (Zanella, Da Ros, Reis, & França, 2003, p.44). Vygostki, na obra *Psicologia da Arte* (escrita entre 1924 e 1926), salienta a função transformadora dessa atividade, que extrai da vida o seu material, produzindo algo acima desse material, pois a arte está para a vida como o vinho para a uva (1998, p.307).

Embora esse não seja um autor de referência na arteterapia, a ideia de que o fazer criativo é transformador perpassa esse campo. Na visão de Ciornai, o propósito fundamental da arteterapia é resgatar a criatividade na vida, ou seja, contribuir para que o sujeito aprenda a lidar criativamente com os limites que a vida lhe impõe (1995, p.59), transformando-se assim em artista da própria vida. Isso é possível porque a arte nos abre a uma realidade alternativa (1995, p.61), na qual o

homem pode perceber, figurar e reconfigurar suas relações consigo, com os outros e com o mundo (1995, p.61).

Portanto, no trabalho do psicólogo mediado pelo fazer artístico, destaco como princípios fundamentais a concepção da arte como atividade expressiva e criativa: não se trata apenas da expressão da subjetividade, da objetivação de emoções, sentimentos e pensamentos em uma forma artística (desenho, pintura, modelagem, etc.), mas especialmente da sua transmutação pela arte, da sua reconfiguração em novas formas e em outros sentidos, em um processo no qual, ao criar na arte, o sujeito se recria na vida.

## **Modelos de arteterapia**

### **Pintura**

Essa técnica facilita a expressão de emoções através da fluidez dos materiais e dos movimentos. Nessa modalidade de terapia, o pintar deve ser espontâneo, pois ele é a representação dos sentimentos internos. De modo geral, ela contribui para a consciência e autopercepção de si, de seus bloqueios e personalidade. Essa técnica usa da cor como elemento principal para a construção do espaço.

### **Contação de histórias**

Essa técnica é voltada principalmente para as crianças. Ela proporciona descontração, relaxamento e bem-estar físico, emocional, social e intelectual. Dessa forma, a criança pode estabelecer vínculos, identificação e empatia com os personagens durante a leitura. Assim sendo, esse processo ajuda no desenvolvimento humano. Além disso, em ambientes hospitalares, a leitura ajuda a criança a exercer uma atividade escolar e que distrai.

### **Movimento e dança**

Nossos movimentos são considerados uma forma de linguagem. Considerando que mensagens podem ser transmitidas através de gestos, podemos expressar nossos sentimentos através disso. Nesse método, o corpo é um instrumento, e alguns autores consideram que ele o corpo não pode mentir. Dessa forma, a mensagem expressa por ele atinge um nível profundo e alcançamos a compreensão maior de nosso interior.

### **Escrita Criativa**

Nesse método, o paciente não deve se importar com regras gramáticas e ortografia, apenas se concentrar no fluxo de pensamento. Esse exercício possibilitaria a expressão do que está em nossa mente.

### **Colagem**

Essa técnica permite que o indivíduo projete sua história e, conseqüentemente, se identifique e a transforme. Através da identificação, a pessoa contata seu mundo interior e se manifesta. Ela consegue analisar sua vida, recortar

e tirar o que acha que deve ser tirado, além de construir algo novo. É sair de algo pronto, existente, para, com isso, fazer algo que deseja.

### **Dramatização:**

Essa técnica permite brincar de ser outra pessoa. Principalmente quando voltada para crianças, permite que ela seja quem ela quiser. Isso ajuda no desenvolvimento do imaginário. No entanto, não se trata de uma técnica “sem regras”. A criança pode ser quem ela quiser, mas deve agir de acordo com o papel escolhido.

Por exemplo, se ela decide fazer uma professora, ela deve agir como de fato uma professora age na vida real. Deve se comportar como ela age realmente. Quando a criança precisa agir conforme o papel, ela passa a entendê-lo e, com isso, entender a sociedade. Contudo, a técnica não age só na percepção depois da terapia, mas busca entender como a criança entende a priori alguém ou alguma coisa. Pode ser que, através disso, a criança expresse traumas e situações sobre esses papéis.

### **Desenho**

Desenhar trabalha a concentração, coordenação espacial e visual. É uma atividade expressiva que promove a expressão de sentimentos mais internos do indivíduo. O desenho pode expressar a afetividade oculta do pensamento, já que pode ser a materialização do pensamento e do sentimento. Principalmente para as crianças, essa expressão é muito significativa. Isso se dá, pois a criança não expressa uma realidade, mas como ela vê as coisas. Expressa como ela sente e interpreta o mundo interior e exterior.

# ARTETERAPIA E PSICODRAMA

O psicodrama, concebido pelo psiquiatra romeno Jacob Levi Moreno é uma modalidade de terapia psicológica, na qual o paciente deve representar seus acontecimentos e emoções, procurando experimentá-los como se os estivesse vivendo em tempo presente.

Suas sessões costumam ser grupais e pode-se aplicá-lo nos mais diversos campos, como o educacional ou o laboral. A terapia do psicodrama ajuda no crescimento pessoal, a autoestima, a vida afetiva, a conduta e os relacionamentos. Também aumenta o bem-estar físico e emocional e permite aprender e desenvolver novas habilidades. Sua técnica foi inspirada no teatro de improvisação e foi originalmente pensada por seu autor como uma “psicoterapia profunda de grupo”.

O psicodrama é uma abordagem de psicoterapia criada pelo psiquiatra Jacob Levy Moreno no início do século XX.

Possui como base fundações psicodinâmicas, sistêmicas e existencialistas e se orienta aos participantes holisticamente, valorizando os seus comportamentos, pensamentos e emoções e atitudes corporais. A abordagem psicodramática utiliza de uma metodologia criativa, sendo orientada tanto a grupos quanto individualmente.

É um método que possui aplicações além do campo estrito da psicoterapia, pois é aplicado no campo educacional, em empresas, em comunidades e, de uma maneira geral, em qualquer ambiente onde sejam formados grupos (ambientes de trabalho em geral, hospitais, prisões, reformatórios, asilos etc.)

# SETTING TERAPEUTICO

Setting terapêutico dentro da Psicologia se refere ao espaço na qual a relação entre paciente e terapeuta acontece. A proposta é que o terapeuta utilize uma escuta diferenciada para os pacientes encontrarem novos meios de lidar com os problemas. Contudo, ainda é comum que a consulta com o profissional seja feita apenas em último caso.

A ideia de setting terapêutico ou setting analítico possui várias perspectivas, dependendo do autor em questão. Para alguns, se mostra direcionado ao ambiente físico e os laços de cooperação dentro do tempo e espaço. Por outro lado, alguns afirmam seu caráter estrutural e dinâmico no interior de uma sessão e que contribui ao tratamento dela.

Olhando por essa última ótica, o trabalho feito com o setting constitui-se de maneira relacional. Ele acaba por influenciar a conduta técnica e ética na relação que ultrapassa o ambiente físico da terapia. Não apenas isso, mas também dos princípios colocados em contrato que conduzem o encontro do terapeuta com paciente.



## **A construção do setting terapêutico**

O trabalho com o setting terapêutico é construído de forma sequenciada, alinhando adequadamente os elementos envolvidos. Aqui se estabelecem regras específicas, de maneira a solidificar os pilares para cada trabalho. Não apenas isso, mas também a combinação adequada e individualizada entre o terapeuta e paciente.

A combinação se trata de preparar o ambiente de trabalho de acordo com a demanda específica do visitante. Os papéis de cada um ficam devidamente especificados e entendidos para a iniciação do projeto. Com isso, acaba se estabelecendo uma assimetria necessária que dá identidade ao encontro.

Cabe ao terapeuta encontrar a linha de equilíbrio perfeita ao seu enquadre dentro da terapia. Desse modo, precisa ser firme ao mesmo tempo e que também é flexível para controlar o fluxo de interação. Graças a isso que a transferência e a contratransferência são bem direcionadas quando surgirem ao longo do trabalho.

# ARTETERAPIA COM CRIANÇAS

“Minha tarefa pode ser comparada à obra de um explorador que penetra numa terra desconhecida. Descobrimo um povo, aprendo sua língua, decifro sua escrita e compreendo cada vez melhor sua civilização. Acontece o mesmo com todo adulto que estuda a arte infantil”. (Arno Stern, apud Mèredieu, 1974, p. 14) Segundo Winnicott (1971, apud Boechat, 1994), a percepção criativa mais que qualquer outra coisa, dá sentido à vida do indivíduo. Jung considerou a criatividade como um dos instintos básicos do ser humano, juntamente com a fome, a sexualidade, o impulso à ação e reflexão. A arte instiga a capacidade de criar do ser humano.

A criatividade, ou um comportamento criativo, é iniciado na infância. A criança que tem sua curiosidade estimulada para explorar e descobrir coisas sobre o seu mundo e a entender que não há respostas únicas, será um adulto que apresentará um padrão ou estilo de funcionamento exploratório e inovador. Naturalmente, o indivíduo perceberá e recriará seu mundo a partir de vivências e relações de seu próprio corpo, e apreenderá do mundo por meio da interação de todos os sentidos no tempo e no espaço. A atualidade possui um grau de complexidade, diversidade e exigência cada vez maior e pede cada vez mais enfoques inovadores.

Nesse contexto, o ser humano é obrigado a estar constantemente se recriando na busca de novas significações. A arteterapia promove experiências reestruturadas para aqueles que encontraram dificuldades durante seu desenvolvimento. (Fichtner, 1997).

Segundo Virgolim (1999), todas as pessoas são criativas, capazes de produzir, construir, inventar novos objetos, coisas, ideias, ações, reformulações. Todas têm o poder de produzir elementos e conhecimentos novos e nascem dotadas deste potencial. Por meio do desenvolvimento do pensamento criativo é possível desenvolver o crescimento de habilidades para produzir maior quantidade de ideias, analisar uma situação sob várias perspectivas e de produzir ideias incomuns e diferentes, que constituem a base do pensamento criativo. Também é possível trabalhar os conteúdos emocionais e afetivos que funcionam como o combustível que impulsiona o processo de criar.

“Se desenvolvermos nossas habilidades criativas somos capazes de lidar com o futuro e suas incertezas, tornamo-nos aptos a criar formas de adaptação às novas demandas sociais e naturais”. (Virgolim, 1999 - p. 29 )

A criança tem na arte, além de uma oportunidade para o desenvolvimento de sua criatividade e a exploração de suas fantasias, uma forma natural de expressão e comunicação que lhe permite comunicar o que sente, o que pensa e a maneira que vivencia e percebe o mundo, de acordo com seu desenvolvimento emocional, mental, psíquico e perceptual. (Fichtner, 1997) Choi et al. (2003) acrescentam que a arte pode ser valiosa para a expressão de traumas, sofrimento, angústia ou perda. Além disso, a criança ainda não tem capacidade verbal para articular sua dor. Para as que foram violentadas ou abusadas, a arte é uma maneira de comunicar sentimentos e experiências sem a necessidade de palavras.

Oaklander (1980) diz que o processo de fantasia da criança é o mesmo que o seu processo de vida. A fantasia permite ao terapeuta se divertir junto com a criança e, além de descobrir qual o seu processo, permite-lhe também penetrar nos recantos mais íntimos do seu ser.

Pode-se revelar o que é mantido oculto ou o que ela evita e pode-se descobrir o que se passa na vida da criança a partir da perspectiva dela própria. Além disso, por meio de atividades envolvendo a fantasia e experiências imagéticas, pode-se desenvolver o sentido intuitivo da criança. Este cobre um largo campo e pode envolver processos tais como a fantasia, a imaginação, a criatividade, campos corporais e campos de energia. Qualquer fantasia possibilita o contato com o aspecto sábio e criativo da criança.

Algumas crianças não sabem exatamente o que são sentimentos e têm uma capacidade limitada de comunicá-los. Tendem a ver as coisas em preto e branco. Proporcionar às crianças experiências com a grande variedade de sentimentos e suas nuances é muito útil e a arteterapia possui muitos recursos para fazê-lo. Além disso, promove a superação de obstáculos através daquilo que ninguém lhes pode tirar – a imaginação.

A criança mostra o que precisa pela própria atividade que escolhe, ou pela resistência que tem a uma determinada atividade. O trabalho com arte também é considerado importante para o desenvolvimento e amadurecimento motor, do raciocínio e do crescimento afetivo. (Oaklander, 1980).

A arte como processo de criação, possibilita à criança um resgate de seu mundo infantil, que se perde com os anos devido à marginalização de toda a maneira de pensar neológica decorrente da cultura vigente. As brincadeiras são, cada vez mais prematuramente, substituídas por atividades consideradas mais produtivas, sob o pretexto de que a criança precisa se preparar para a vida adulta, inibindo seu comportamento intuitivo.

Por meio da arteterapia, a criança tem a oportunidade de resgatar sua curiosidade natural, o desejo de explorar como corpo inteiro, com as mãos, com a boca, o desejo de não ficar quieto, acomodado, disciplinado e domesticado. Assim, cabe ao arteterapeuta ser o facilitador do contato e da exploração da maior quantidade possível de materiais, de forma gradual e adequada.

É importante verificar se o material oferecido é adequado à idade e ao desenvolvimento da criança, sua dinâmica e seu progresso decorrerão dos movimentos do seu corpo, do exercício de sua sensibilidade e intuição e da descoberta, exploração e transformação dos materiais expressivos.

A necessidade da expressão verbal e o momento adequado para ela no trabalho com arte depende de cada criança, de seu relacionamento com o terapeuta, do contexto e do curso da terapia. Algumas crianças se concentram com tanta intensidade em seu trabalho de arte que precisam interrompê-lo para falar com o terapeuta. Outras podem apresentar resistência em falar diretamente sobre seu processo, exigindo maior paciência dele.

Por outro lado, muitas crianças gostam quando o terapeuta se interessa por sua arte enquanto elas trabalham, especialmente quando o vínculo entre eles está bem estabelecido. Para alguns, falar durante o processo artístico pode ajudar a difundir um pouco dos sentimentos poderosos e esmagadores que vêm à tona enquanto cria sua obra. (Choi et al., 2003).

É importante também conversar no final da sessão sobre a obra final, pois ajuda a criança a externalizar pensamentos, sentimentos e experiências sobre a expressão artística e ajuda o terapeuta a entendê-la com maior clareza, permitindo que providencie a melhor intervenção possível a favor dela. Para crianças que resistem à fala, expressões artísticas podem ser uma maneira de facilitar a conversa por meio da narração de histórias e atividades de faz-deconta.

As crianças não sabem o que sua obra artística significa, mas podem, com a ajuda do terapeuta, contar histórias imaginárias sobre elementos da obra, que revelam bastante sobre seus sentimentos, percepções e visão de mundo. (ibidem) Doravante os artistas recusam-se a separar a arte da vida e tendem a transformar tudo numa sequência de experiências artísticas.

A “arte infantil” situa-se aquém da fronteira que dissocia a vida cotidiana da arte considerada como atividade de luxo; ela ignora esse corte que o adulto estabelece entre a cultura e a vida, corte que a torna um ser sempre mutilado, castrado de uma parte de si mesmo.

Real e imaginário indissolúveis, o pensamento mágico da criança evolui à maneira do jogo, que funciona ao mesmo tempo como simulacro e como verdade: tudo é susceptível de ser transmutado nesse universo, e intercâmbios perpétuos se produzem nesse meio em que as palavras ainda são coisas, e as coisas maleáveis como não podem ser o signo da linguagem adulta. (Mèredieu, 1974, p. 6)

# ARTETERAPIA PSICANALITICA

Margaret Naumburg foi a pioneira no trabalho com arteterapia em um viés psicanalítico, desenvolvendo a arteterapia de orientação dinâmica. Sua aproximação inicial com a arte, entretanto, deu-se na área da educação, juntamente à irmã Florence Cane, que era artista e professora de arte (por muitos anos trabalharam juntas na Walden School, fundada por Naumburg) e, enquanto Florence desenvolveu métodos de ensino para liberar a expressão artística, tornando-se pioneira na arte-educação, Margaret se baseou em suas conquistas para fazer da arte um instrumento terapêutico (Andrade, 2000).

Na visão de Naumburg, a expressão artística é como um espelho, que reflete diversas informações, estabelecendo uma ponte no diálogo entre consciente e inconsciente (Andrade, 1995). Baseada na



concepção freudiana do determinismo do inconsciente, cujos pensamentos e sentimentos se expressariam mais em imagens do que palavras, como comprovado por Freud na teoria dos sonhos, Naumburg considera que a atividade pictórica favorece a projeção de conteúdos inconscientes, favorecendo, por uma via simbólica, a comunicação entre paciente e terapeuta.

As imagens produzidas no fazer artístico são assim abordadas como em um procedimento psicanalítico, podendo ser ligadas a conteúdos de sonhos, fantasias, medos, memórias infantis e conflitos atuais vividos pelo sujeito. Uma vez que geralmente as pessoas, ao iniciarem um processo psicoterapêutico, se encontram com o próprio discurso muito bloqueado devido às resistências, a arte vem a ser um canal que facilita a comunicação, pois, conforme Andrade, através do uso da expressão gráfica ou plástica começam a desenvolver a verbalização ao explicar e falar a respeito de suas produções artísticas (2000, p.73).

Naumburg trouxe como princípio básico da arteterapia psicanalítica o reconhecimento de que todo indivíduo, independentemente de possuir ou não um treinamento artístico, tem a capacidade de projetar seus conflitos interiores em formas visuais.

Nessa abordagem, a interpretação da expressão artística acontece sempre na relação transferencial, na qual o sujeito é incentivado pelo terapeuta a descobrir por si mesmo o significado de suas produções, estimulando-se o uso da livre associação, a fim de que ele expresse em palavras os sentimentos e os pensamentos projetados nas imagens pictóricas. Segundo Naumburg, a arteterapia pode auxiliar na redução do tratamento e na diminuição da transferência negativa, pois “as imagens objetivadas atuam então como uma comunicação simbólica imediata que sobrepuja as dificuldades inerentes na linguagem verbal (1991, p.389). Na arteterapia psicanalítica, outro ponto fundamental é a concepção da arte como uma forma de sublimação, tal como postulado por Freud.

A sublimação designa o processo no qual as pulsões são desviadas de seu objetivo original, de ordem sexual, e utilizadas em atividades culturais, tais como a criação artística ou a investigação intelectual, visando objetos socialmente valorizados (Laplanche & Pontalis, 1998). A ideia de sublimação, aceita por Naumburg, é mais representativa no trabalho de arteterapia de Edith Krammer, artista, professora de arte e psicanalista nascida em Viena, Áustria, em 1916, e que emigrou para Nova York em 1938.

A visão de Krammer diferencia-se da de Naumburg, porque ela não praticava a interpretação, “dando prioridade ao processo de fazer arte sem a necessidade de verbalização” (Andrade, 1995, p.45). A ênfase de Krammer estava no valor terapêutico do processo criativo e do fazer artístico em si mesmo, que propõe a arte como terapia, em vez de uma psicoterapia que utiliza a arte como ferramenta (Ciornai, 2004).

O fundamento de seu trabalho está no reconhecimento do papel da arte como sublimação, entendendo-se por sublimação a transformação dos impulsos antissociais, agressivos e sexuais em um ato socialmente produtivo, “de modo que o prazer produzido pelo resultado desse ato social substitui, pelo menos em parte, o prazer que a gratificação original teria proporcionado” (Andrade, 1995, p.45).

Na visão de Krammer, a criação artística é em si mesma terapêutica, porque contribui para o equilíbrio psíquico e o fortalecimento do ego, mediante a resolução do conflito entre forças contrárias (id x superego), que encontram, via sublimação, uma possibilidade de síntese na atividade criadora. Ela definia o artista como alguém que “aprendeu a resolver, mediante a criação artística, os conflitos estabelecidos pela oposição entre as demandas dos impulsos e as demandas do superego” (Krammer, 1982, p.27).

Nessa perspectiva, compreende-se que, na arte, se torna possível a expressão de desejos, impulsos, sentimentos e pensamentos que, muitas vezes, são inaceitáveis socialmente, sendo mais saudável encontrarem uma via de escape na arte do que serem recalçados, retornando na forma de sintomas. Assim, para Krammer, o papel do arteterapeuta, que deveria possuir também aptidões de artista e professor, era tornar disponível às pessoas esse valioso recurso: “O poder da arte

de contribuir para o desenvolvimento de uma organização psíquica capaz de funcionar sob pressão sem fragmentar-se ou recorrer a medidas defensivas nefastas” (Krammer, 1971 como citado em Ciornai, 2004, p.28).

Freud parece estabelecer um interesse pela relação entre a Arte e a Psicanálise e outros seguem, como Pfister. Carl Gustav Jung utilizava recursos da arte como elemento de tratamento a partir da década de 1920. Em território brasileiro coube a Ulysses Pernambucano relacionar a arte com a loucura em estudos e conferências.

Tanto no continente americano como no europeu a Arteterapia com é conhecida e nomeada desenvolveu-se em época próximas. Esta utilização parece reforçar que a utilização da Arteterapia facilita a liberação do inconsciente por meio de imagens e a relação transferencial observada na expressão espontânea liberada e também um estímulo para a associação livre. Digno de nota é que se estabelece que não é papel do arteterapeuta interpretar tal produção, mas sim auxiliar que a pessoa descubra os significados do material produzido.

Na década de 1960, após a vinda de Hanna Yaxa Kwiatkowska ao Brasil o desenvolvimento da Arteterapia é estimulado em território nacional. De lá até hoje, formou-se um corpo de profissionais que podem atuar com Arteterapia no país, ainda assim faz-se necessário uma melhor estruturação e consolidação deste campo de atuação no Brasil.

O referencial teórico de atuação em Arteterapia no Brasil tem maior presença da Gestalt-terapia e da Arteterapia Jungiana, que compreende que algumas vezes a comunicação somente através das palavras não é possível, porque se entende que as angústias estão mais próximas do terreno inconsciente, mais primitivo e que o ser humano tem a capacidade de transmitir experiência emocional através de atos criativos.

Tanto como auxiliar na terapia como terapia principal pode-se atuar com Arteterapia psicanalítica. Esse processo criativo estimula e facilita a regressão, o paciente no setting terapêutico direciona para o terapeuta impulsos e fantasias no que concerne à transferência. Pode-se atuar em Arteterapia tanto guiando o paciente como em um processo criativo livre e espontâneo.

De acordo com a Dra. Sei, Winnicott, que foi pediatra e psicanalista entendia como possível “estabelecer utilmente, um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito”. Freud associava mecanismos de sublimação com impulsos criativos, Melanie Klein aos mecanismos de reparação e Winnicott à própria saúde mental.

A Arteterapia relaciona-se com a Psicanálise Winnicottiana justamente por entender que se oferece como “estratégia de intervenção terapêutica pautada para as condições de uso e desenvolvimento da criatividade, um aspecto que é valorizado por Winnicott que entende a “saúde mental como produto de um cuidado incessante que possibilita a continuidade do crescimento emocional”.

Entende que a criação artística assume o valor do sonho no que se refere à valoração do cuidado humano, assim, o arteterapeuta assume o “papel de ofertar o acolhimento de maneira que a pessoa possa retomar o processo de desenvolvimento emocional” e que a utilização de materiais artístico-expressivos torna presente o “ambiente suficientemente bom” indispensável para o desenvolvimento emocional da perspectiva winnicottiana.

A respeito da conduta ética, pontua-se que o profissional que se dedica à Arteterapia deve ter uma conduta baseada em seus próprios princípios, ética pessoal, bem como aquela estabelecido por meio de um código que pontua o que deve e o que não se deve fazer no campo profissional.

Não entende a Arteterapia como um ensinar de técnicas, mas como um caminho de aproximação dos materiais pela necessidade expressiva da pessoa em atendimento e assim pode ser feito com desenhos, realizados com lápis, canetas hidrográficas, giz de cera e outros materiais.

A pintura também é utilizada pois proporciona uma liberação de emoções, através de materiais como aquarela, tintas acrílicas, óleo dentre outros. Modelagem em argila ou massa de modelar desencadeia respostas emotivas mais ligadas ao trabalho que no resultado.

Entende-se que a colagem propicia para o indivíduo a troca de papéis, o recolhimento e a composição de estruturas aonde os pedaços vão se integrando para oferecer coerência com o “eu todo”. Maíra propôs a elaboração de uma “caixa artística” com materiais artístico-expressivos diversos, semelhante à caixa lúdica usada com o público infantil.

Quando a criança desenha, o faz para brincar, criando um espaço de jogo e criação em torno de si e em fases diferentes, dependendo da idade, segue-se até a fase de realismo visual, característico do mundo adulto e estes desenhos devem ser considerados como registros do desenvolvimento da criança e não como algo a corrigir, sempre com um facilitador, o profissional de Arteterapia, mas sem ferir aquilo que é espontâneo e criativo nela.

A Dra. Sei ressalta as possibilidades no setting arteterapêutico falando sobre o uso de histórias e mostrando que alguns arteterapeutas preferem um trabalho mais diretivo e outros optam por uma condução mais livre da sessão. Estas histórias, no setting, podem promover um encontro com o lúdico, principalmente com adultos que não tiveram esta vivência, mas ressalta também, através de um viés winnicottiano que o “profissional deve cuidar para que suas intervenções no contexto terapêutico, seus posicionamentos não acarretem uma posição de submissão da pessoa ao saber do terapeuta”.

Elenca várias obras com história que serem de temáticas para o trabalho da história em Arteterapia. Mostra também o movimento “Desenrola Brasil” que tem a ver com o desenrolar de problemas, confusões, enrolação e uma analogia foi tecida entre o rolo de papel higiênico e os demais “rolos” existentes.



Esse procedimento incentiva a pessoa a deixar-se penetrar por novas ideias a partir do desenrolar do rolo de papel higiênico que é molhado para desfolhar. Também a utilização de postais (“Arte postal”) como meio do indivíduo se apresentar é usada.

A violência familiar é destacada e divide-se em quatro grandes categorias: abuso físico, sexual, psicológico e negligência, que é causada por múltiplos fatores. O atendimento geralmente ocorre em instituições e percebe-se que a atitude do profissional deve ser mais ativa, diferente dos padrões do setting.

Em meio à família mostra-se o espaço de circulação da transmissão psíquica, que é um fenômeno que Freud aborda em sua obra e outros autores desenvolvem e a Arteterapia com famílias “tem-se o objetivo de prover a família de um maior espaço para o pensamento de seus estados afetivos de modo que possam conter e lidar com frustrações e sofrimento psíquico de seus integrantes” e tudo isso através das vias criativas.

As atividades vão desde a avaliação da família, passando pela introdução da mesma no setting arteterapêutico, reflete-se sobre a história e a dinâmica familiar e observação sobre o trabalho dos familiares em conjunto que acabam por aprender uns com os outros de maneira distinta e menos estereotipada.

A partir disso, a autora demonstra vários casos de reflexões a partir do atendimento da clínica, mostrando a análise e desenhos efetuados pelos participantes dos atendimentos.

A Arteterapia funciona como facilitadora do conhecimento da dinâmica familiar, bem como da dinâmica individual e configurou-se como uma grande estratégia para o tratamento em instituições à disposição dos profissionais que tratam do campo da violência familiar.

Olhando para todo o desenrolar das explicações e entendimento que a Dra. Sei tem na sua obra consegue-se concluir que os profissionais ligados à psicologia levarão uma grande vantagem ao trabalhar com a técnica arteterapêutica, visto que possuem em sua formação já a destreza de não se deixar influenciar por analisar e dar respostas prontas diante do material artísticoexpressivo produzido pelas pessoas em atendimento.

Essa proposta da Arteterapia pelo viés psicanalítico favorece este quadro, onde o profissional apenas coloca-se como facilitador do processo de descoberta e conclusões no setting arteterapêutico, o que seria uma grande desvantagem em profissionais de outras áreas do saber, que não tem essa formação e que se acostumam a ser mais diretivos e verdadeiramente guiando as pessoas em atendimento pelo entendimento e interpretação que tem sobre o que enxerga.

É uma caminhada e tanto, que parece exigir bastante percepção e dedicação, tanto no setting arteterapêutico como no preparo de materiais ofertados e elaboração de técnicas ou entendimento delas.

Trata-se de uma obra que vale a pena ler, estudar e ter como referência para o trabalho em Arteterapia, pois além de ser abrangente, trabalhando com diversos

autores, provê uma visão acurada da prática arteterapêutica e não lança mão apenas de conceituações acadêmicas ou profissionais.

## ARTETERAPIA JUNGUIANA – PSICOLOGIA ANALITICA

A arteterapia junguiana desenvolve-se no Brasil tendo como principais referências o próprio Jung e o trabalho de Nise da Silveira. Nessa perspectiva, a função da atividade artística é mediar a produção de símbolos do inconsciente. Para Jung, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato (1977, p.20), sendo que esse outro sentido remete ao inconsciente.

Contudo, enquanto para Freud o inconsciente é formado por conteúdos reprimidos, relativos à história pessoal do indivíduo, Jung concebe, além do inconsciente pessoal, a existência do inconsciente coletivo, formado pelos instintos e pelos arquétipos. O autor o chama de coletivo, pois ele não é constituído de conteúdos individuais, “mas de conteúdos que são universais e aparecem regularmente (2001, p.355).

Outra diferença é que, para Jung, além de memórias de um passado longínquo, também pensamentos inteiramente novos e ideias criadoras podem surgir do inconsciente” (1977, p.38), já que lhe é inerente uma função criadora, que se manifesta nas imagens dos sonhos, das fantasias, nos mitos e na expressão plástica.

Conforme salienta Silveira, tais produtos da função imaginativa do inconsciente são autorretratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, sem quaisquer disfarces ou véus” (2001, p.85), sendo uma característica própria da energia psíquica transformar-se em imagem.

Em decorrência disso, a abordagem junguiana em arteterapia não é baseada na interpretação das imagens como representações veladas do inconsciente, cujo sentido viria a posteriori, dependendo da verbalização do paciente.

Ao contrário, Silveira coloca que o importante ao indivíduo é “dar forma, mesmo rudimentar, ao inexprimível pela palavra: imagens carregadas de energia, desejos e impulsos (2001, p.86), nas quais “a libido poderá ser apreendida viva, e não esfiapada pelo repuxamento das tentativas de interpretação racionais” (2001, p.86).

Acerca da origem dessas imagens do inconsciente, que encontram uma via de expressão no fazer artístico em arteterapia, a Psicologia analítica distingue dois tipos, conforme descreve Silveira:

a) imagens que representam emoções e experiências vivenciadas pelo indivíduo, originando-se do inconsciente pessoal e

b) imagens arquetípicas, originadas do inconsciente coletivo, que são de caráter impessoal, configurando-se a partir de disposições inatas, que formam a estrutura básica e as camadas mais profundas da psique. Segundo a autora, as imagens arquetípicas configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais (2001, p.86), exprimindo, de diferentes modos em função da época e do lugar, os mesmos afetos e ideias básicos do ser humano.

Talvez o maior exemplo de imagens arquetípicas seja os mitos, cujo estudo por Jung foi de suma importância para o desenvolvimento da própria noção de arquétipo, a partir da sua constatação de que os mitos “encerram temas bem definidos que reaparecem sempre e por toda a parte” (2001, p.352). Os temas míticos, forjados a partir de imagens arquetípicas, expressam experiências fundamentais da humanidade (Silveira, 2001).

Além dos mitos e dos sonhos, as próprias ideias delirantes eram vistas por Jung como representações arquetípicas. Seguindo essa linha, Silveira compreendia a própria condição psicótica como uma inundação do consciente por imagens arquetípicas, as quais ganhavam forma nas pinturas, nos desenhos e nas esculturas de seus pacientes.

Suas produções artísticas apareciam então como símbolos do inconsciente, permitindo ao terapeuta uma visualização dos processos psíquicos ao mesmo tempo em que, ao paciente, a (re) experiência, isto é, a transformação desses processos. Os símbolos são verdadeiros transformadores de energia psíquica, daí sua importância na arteterapia; conforme Silveira, Jung compara os símbolos a dínamos que transformam uma modalidade de energia psíquica em outra (2001, p.54).

Assim, os símbolos expressos na arte não são vistos como simples projeção de conteúdos inconscientes, mas como mecanismos à sua transformação qualitativa, contribuindo para o equilíbrio psíquico. Nessa perspectiva, entende-se que, ao externalizar no papel o drama interior vivido de modo desordenado, o indivíduo não só dá forma a suas emoções, mas através disso despotencializa figuras ameaçadoras (Silveira, 2001, p.18).

A autora traz diversos exemplos de casos clínicos nos quais analisa o simbolismo presente em pinturas, desenhos ou esculturas produzidas por seus pacientes, realizando uma leitura junguiana na qual as imagens são examinadas em seus aspectos arquetípicos, reportadas a temas da mitologia, e compreendidas como correlativas às metamorfoses do ser vivenciadas no processo esquizofrênico. Segundo Silveira, a metamorfose remete a mudança de forma, conservando-se a

essência do ser metamorfoseado, que é abundante como metáforas nas artes, mas vivenciada como experiências reais nos delírios dos loucos.

Um exemplo é o da metamorfose vegetal, recorrente em diversas imagens nas quais pacientes se retratavam na forma de árvore ou de flor.

Para Silveira, essas imagens evocam o mito de Dafne, ninfa grega que foi transformada em uma árvore para fugir ao assédio de Apolo.

Ela entende que, na linguagem mítica, própria do inconsciente, esse tema estaria vinculado ao temor da mulher acerca da realização completa de seu ser feminino, representando, no caso da autora da imagem acima ilustrada, a sua dificuldade em estruturar-se subjetivamente como mulher.

Existem inúmeras técnicas que podem ser usadas pelo psicólogo em um trabalho de arteterapia na linha junguiana, propondo-se atividades específicas ou simplesmente disponibilizando ao indivíduo diferentes materiais à sua escolha (papéis, giz pastel, tintas diversas, aquarela, argila etc.).

Embora Nise da Silveira trabalhasse apenas com a expressão livre e espontânea dos pacientes, na arteterapia, o psicólogo pode também estruturar as atividades expressivas a partir de alguns objetivos ou temas pertinentes ao caso em questão, visando com isso a auxiliar a pessoa em seu processo de individuação.

Tal como postulado por Jung, a individuação designa o processo no qual um ser se torna realmente uma unidade, uma totalidade, pela integração consciente de seus vários aspectos inconscientes, manifestando a sua unicidade: trata-se da realização de seu si mesmo, no que tem de mais pessoal (2001, p.355). O processo de individuação é o crescimento psíquico, o constante desenvolvimento da personalidade, no qual cada pessoa deve encontrar seu modo único de se realizar (Von Franz, 1977).

Na arteterapia junguiana, o psicólogo acompanha a pessoa em seu caminho para a autorrealização, dialogando e procurando facilitar essa jornada através da arte. Uma técnica muito utilizada na arteterapia junguiana é o desenho ou a pintura de mandalas.

O termo mandala vem do sânscrito e significa círculo mágico, e designa figuras geométricas formadas a partir do centro de um círculo ou de um quadrado, configurando um espaço sagrado (Raffaelli, 2009, p.47). Na teoria junguiana, a mandala é um símbolo do self, isto é, do si-mesmo, representando ao mesmo tempo o centro e a totalidade psíquica (Jung, 2001).



A função terapêutica de desenhar mandalas está ligada à autodescoberta, pois elas registram o estado psíquico do indivíduo em diferentes momentos, representando, a partir de linhas, cores e formas, sua energia psíquica e a organização de seu mundo interno.

A partir daí, podem proporcionar insights profundos, conduzindo a pessoa em sua jornada rumo ao self. Em seu livro autobiográfico, Memórias, Sonhos e Reflexões, Jung relata a importância das mandalas em sua própria vida profissional e pessoal: Só quando comecei a pintar as mandalas vi que o caminho que seria necessário percorrer e cada passo que deveria dar, tudo convergia para um dado ponto, o do centro.

Compreendi sempre mais claramente que a mandala exprime o centro e que é a expressão de todos os caminhos: é o caminho que conduz ao centro, à individuação (2001, p.174) As mandalas podem auxiliar a restabelecer o equilíbrio interior perdido (Von Franz, 1977, p. 212), uma vez que desenhá-las contribui para a (re)orientação da energia psíquica em torno do centro ou self (circumambulação).

Ao trabalharmos com arteterapia na perspectiva junguiana, devemos evitar o uso da interpretação, por isso, a melhor forma de fazer a leitura de uma mandala é pedindo à própria pessoa para entrar em contato com o que desenhou, procurando perceber e integrar os sentidos presentes naquela imagem.

Pois Jung (2011) ressalta que o homem deve ser visto por inteiro, ou seja, como um todo; pertencente a uma comunidade, num determinado momento, não poderia, portanto, ser visto dissociado do seu contexto social, cultural e universal. E na Arteterapia esta possibilidade, de nos encontramos com o “todo”, é facilitado pelas expressões artísticas, que trazem os conteúdos do consciente e do inconsciente (JUNG, 2011 apud FIORINDO, 2014, p.1).

Diante do trecho acima mencionado, a forma de expressão através de desenhos, pinturas, história, dentre outras demonstrações artísticas, permite que o sujeito traga para a sua consciência conteúdos que estavam obscuros e que foram expostos, sendo visto como um todo através da Arteterapia.

Desta forma, pode-se afirmar que a arte em Arteterapia, não domina em um aspecto somente secundário, mas também em condições essenciais que favorecem a motivação de expressões criativas para alcançar um bem-estar consigo e com o mundo que o cerca, permitindo até mesmo a resolução de conflitos internos que o sujeito carrega ao longo da vida. Conforme Philippini (2000), a arteterapia resgata a promoção, a prevenção e a expansão da saúde:

Pois, a Arteterapia auxilia a resgatar desbloquear e fortalecer potenciais criativos, através de formas de expressão diversas, ademais facilita que cada um encontre, comunique e expanda a seu próprio caminho criativo e singular, favorecendo a expressão, a revelação e o reconhecimento do mundo interno e inconsciente. Destaca ainda, que em Arteterapia com abordagem Junguiana, o caminho será fornecer suportes materiais adequados para que a energia psíquica plasme símbolos em criações diversas. Estas produções simbólicas retratam múltiplos estágios da psique, ativando e realizando a comunicação entre inconsciente e consciente. Este processo colabora para a compreensão e resolução de estados afetivos conflitivos, favorecendo a estruturação e expansão da personalidade através do processo criativo (PHILIPPINI, 2000 apud XAVIER, 2012)

# ARTETERAPIA GESTÁLTICA

A abordagem gestáltica em arteterapia foi desenvolvida por Janie Rhyne, que sistematizou-a no livro *The Gestalt Art Experience*, escrito em 1973 e publicado no Brasil com o título *Arte e Gestalt: Padrões que Convergem* (Rhyne, 2000).

Nessa obra, ela articula conceitos da Psicologia da Gestalt a diversas técnicas que utilizam materiais artísticos, tanto no contexto psicoterapêutico quanto educacional, para trabalhar com indivíduos ou grupos. Sendo a Psicologia da Gestalt originalmente uma teoria da percepção, esse é um conceito central na arteterapia gestáltica, na qual a vivência artística tem como finalidade ampliar a percepção do sujeito sobre si mesmo.

Gestalt é uma palavra alemã que significa forma, uma configuração, o modo particular de organização particular das partes individuais que entram em sua composição” (Perls, 1988, p.19).

Rhyne utiliza o termo para se referir à percepção de uma configuração total, por exemplo, a pessoa perceber sua personalidade como um todo, cujas diversas partes formam, em seu conjunto, a realidade daquilo que ela é, lembrando que o todo é mais do que a simples soma de suas partes. Nessa abordagem, a função terapêutica do fazer artístico é a aquisição de insights sobre como percebemos, nas formas criadas, tanto o mundo como a nós mesmos.

Trata-se de um processo em que a arte promove awareness, termo chave na Gestalt-terapia, para o qual não há uma tradução exata em português, mas cujo sentido seria dar-se conta ou aperceber-se do que se passa consigo no momento vivido, levando a um ganho de consciência. Conforme define Rhyne:

A experiência gestáltica de arte, então, é o seu eu pessoal complexo fazendo formas de arte, envolvendo-se com as formas que você está criando como fenômenos, observando o que você faz, e, possivelmente, espera, percebendo por meio de suas produções gráficas não apenas como você é agora, mas também modos alternativos que estão disponíveis para que você possa se tornar a pessoa que gostaria de ser (2000, p.44)

Dessa forma, a vivência de criar arte promove a descoberta de sentimentos e de qualidades pessoais, auxiliando no desenvolvimento do potencial único de cada um, que no produto criado (desenho, pintura, escultura, poesia, etc.) pode reconhecer-se, ou seja, pode ver-se e também rever-se, vendo-se de uma nova forma ao visualizar possibilidades até então ignoradas.

Por isso, Rhyne entende a atividade artística como um modo consciente de integração entre fantasia e realidade, que se encontram de maneira construtiva na obra criada.

Esta constitui, então, uma ponte entre as realidades interna e externa, pela qual se expressariam mensagens enviadas pela pessoa para si própria. A compreensão de tais mensagens se baseia na percepção de interrelações entre a forma do objeto criado na atividade artística e os processos subjetivos do criador, que assim toma conhecimento de aspectos seus até então desconsiderados, e, conforme Andrade, tendo insights' e integrando seu passado no seu presente, desejo e realidade como um projeto de futuro" (2000, p.129).

Uma categoria central na arteterapia gestáltica é a vivência, que significa experienciar um evento, estando pessoal e emocionalmente envolvido nesse acontecimento, ou seja, é estar aqui-e-agora, como protagonista e observador do acontecimento em curso. Nesse sentido, a vivência de arte em Gestalt é um meio para o contato do sujeito consigo mesmo, definindo-se no conjunto formado por:

**a) fazer formas artísticas, b) estar emocionalmente envolvido nas formas que estão sendo criadas como um evento pessoal, c) observar o que está sendo feito, e d) perceber através das produções realizadas não somente como a pessoa está neste momento, mas também maneiras alternativas possíveis para desenvolver-se seguindo modelos mais desejados por ela mesma (Andrade, 2000, p.131)**

Nessa linha, a vivência artística não somente permite ao sujeito desvelar-se pelas formas criadas em modos de ser até então ignorados por ele mesmo, mas ainda revelar-se, projetando-se por formas diversas em novos modos de ser-no-mundo. Trago aqui como exemplos desse processo arteterapêutico dois desenhos (abaixo), extraídos de Rhyne.

Eles foram feitos por Cyndy, uma assistente social, quando esta participou de um grupo de experiência gestáltica de arte, coordenado por Janie Rhyne, cujo tema central era ser mulher, que tinha como objetivo o contato das participantes com sua essência feminina:





Eu quero



Quem sabe amanhã

Segundo Rhyne, os desenhos de Cyndy refletem “o processo universal de desejar, crescer, esforçar-se e alcançar o sentido completo da identidade única de cada um” (2000, p.110). Mas, para cada um deles, Cyndy escreveu um registro pessoal do modo como deu significado aos desenhos em função de seu processo vivencial.

Como coloca Rhyne, as imagens criadas “não têm um significado particular por si mesmas; o modo como as percebemos dá-lhes significado” (2000, p.140). Assim, um recurso que pode ser usado em arteterapia gestáltica é associar a expressão escrita às atividades plásticas, como uma forma de dinamizar a awareness, pois os sentidos da mensagem visual poderão tornar-se mais claros para o próprio sujeito por meio da descrição que escreverá acerca de sua produção artística.

No método desenvolvido por Rhyne, a abordagem dos trabalhos de arte pelo psicólogo deve respeitar em primeiro lugar os sentidos trazidos pela própria pessoa sobre sua criação, valorizando-se a individualidade de cada ser humano. Do mesmo modo, Ciornai coloca que o papel do arteterapeuta gestáltico é acompanhar e guiar a busca do cliente, utilizando os processos artísticos para intensificar o contato do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo, de modo que a arte seja para ele uma fonte no aprendizado de si mesmo.

E aprendendo uma nova forma de se expressar dentro de uma atividade artística, o sujeito poderá encontrar também novos caminhos em sua vida (Ciornai, 1995).

# AS DIVERSAS FORMAS DE EXPRESSÃO

Do latim *expressio*, uma expressão é uma declaração de algo para dá-lo a entender. Pode tratar-se de uma locução, de um gesto ou de um movimento corporal. A expressão permite exteriorizar sentimentos ou ideias: quando o ato de expressar transcende a intimidade do sujeito, converte-se numa mensagem transmitida do emissor a um receptor. Existem diferentes formas de expressão de acordo com a linguagem utilizada.

As mais habituais são a expressão oral (que se concretiza através da fala) e a expressão escrita (através da escrita). Cada vez que uma pessoa estabelece uma conversa com outra, está a recorrer à expressão oral. De igual modo, quando um indivíduo vai a caminhar na rua e encontra cartazes com informação (anúncios, publicidades, etc.), trata-se de expressões escritas.

A vida quotidiana também implica numerosas situações de expressão corporal (o comportamento exterior, seja espontâneo ou intencional) e de expressão facial (manifestação de emoções através do rosto).

No caso da expressão corporal, pode tratar-se de uma manifestação artística, como a dança. Outras expressões artísticas são a expressão literária (a literatura), que inclui a expressão poética, e a expressão teatral (as obras que utilizam a linguagem cénica).

## **Desenho**

Pintura, Desenho, Colagem, Escultura, Modelagens, Sucata, Dramatização, Canto, Música, Dança e Expressão são recursos utilizados com a finalidade de estimular o indivíduo a se expressar livremente, não é mesmo? Todas essas formas

de arte dão asas a nossa imaginação e explora a criatividade. Uma dessas técnicas é o desenho. E digo mais, o desenho é das mais antigas e mais acessíveis manifestações da arte, o desenhista passa para o papel imagens e criações da sua imaginação, fruto da criatividade.

É constituído por linhas, pontos e formas. Há várias maneiras de fazer desenhos com os mais diversificados materiais. Ao longo da história da arte, o desenho foi utilizado com diferentes funções. Até o Renascimento, o desenho era considerado um esboço, após esse período ganhou o status de obra pronta. Albrecht Durer foi um grande desenhista e o primeiro a criar o autorretrato. Seu desenho é composto de linhas limpas, com a direção do traço sugerindo volume e proporcionalidade, uma obra bastante realista.

É comum ouvir comentários sobre os retratos de Dürer, pois parecem fotografias. O artista enfatiza o rosto, mas não negligencia o restante do corpo, tronco, representa de alguma forma seu estado corporal. Cria passagens brandas do escuro para o claro e dá a impressão de volume com a direção da linha que se altera e com regiões de sombra em oposição às regiões de luz.

No Renascimento, os artistas partiam de certa concepção de beleza, a valorização das concepções estilísticas da antiga Grécia (estilo neoclássico). O retrato do músico Paganini, realizado por Jean-Auguste Dominique Ingres, é um exemplo do desenho neoclássico. Há uma linha que percorre todo o contorno da figura.

A forma, para Ingres, estava submetida à linha. Para ter uma linha contínua, a anatomia poderia ser sacrificada. Seu traço é preciso, estudado, calculado. O rosto do artista se destaca, criando uma aura de poder. O olhar é soberbo e atravessa o observador.

O casaco desenhado apresenta seus volumes pela direção das linhas e por algumas texturas que Ingres insere, como, por exemplo, na manga direita. As pernas da calça são sugeridas por uma linha fina que alonga a figura. Pintor modernista brasileiro, Flávio de Carvalho se utilizou, na Série Trágica, da função dramática da linha. Um de seus desenhos mostra a mãe do artista, doente, na cama.

O uso de várias linhas sobrepostas, cria uma texturização e mostra uma forma muito construída com uma linha quase nervosa, que não para em um único traço, mas une-se para criar uma ideia sobre a cena. A função da linha aqui se altera para a expressão da emoção que emana da cena.

O artista se detém no perfil da mãe que agoniza e cria uma moldura com os braços. Isso nos dá uma ideia do desespero e da dor que parecem impregnar a cena narrativa. A obra expressionista atribuiu um sentido dramático à cena. Diferentemente do neoclassicismo de Ingres, a preocupação de Flávio de Carvalho não era lidar com uma forma bela, mas transmitir a atmosfera de sofrimento que cercava a situação da qual ele fazia parte (PEREIRA, 2007).

Outro artista que merece destaque é a artista brasileira, Tarsila do Amaral. Ela tinha uma ligação interessante com o desenho, pois guardava rascunhos de

suas obras, tal como a tradição das mulheres de guardar seus riscos de bordados ou mesmo de pinturas em tecido. Supostamente, Tarsila primeiro rascunhava o desenho em papel e mesmo depois de passá-lo para a tela preservava o rascunho original. Essas formas de representações são consideradas formas de expressão e são incorporadas a vários tipos de tratamento e terapia. Por isso, fomente a imaginação que está em você, caso seja um professor, então explore essa técnica com seus alunos, assim contribuirá com o desenvolvimento motor e intelectual de cada um. Boa sorte!



## **Música**

Há muito tempo, o filósofo chinês Confúcio já afirmava “a música produz um tipo de prazer que a natureza humana não pode prescindir”. A música atinge lugares no ser humano que nenhuma outra arte chega.

Há coisas neste mundo que só os artistas sentem e percebem, e o músico é simplesmente um dos mais sensíveis. Pesquisadores da Universidade de Zurique, na Suíça, concluíram que a prática musical ajuda a combater a ansiedade, a depressão e até o Alzheimer.

E não é só pelo bem que faz à alma. Há a melhora da capacidade cognitiva, da memória e do processamento da linguagem. Gesiel Carvalho da Cruz, técnico-administrativo da UNIJUÍ Câmpus Santa Rosa e estudante do curso de Educação Física, confirma as informações e destaca que o conceito da música se refere à arte de expressar os sentimentos através do som. É dessa maneira que ele vem transmitindo os seus sentimentos.

Desde seus cinco anos de idade toca instrumentos musicais, seja flauta, piano, gaita, violão e mesmo o violino. A música está inserida no cotidiano das pessoas de diferentes maneiras e em várias ocasiões: está presente desde fundo musical para a execução de atividades corriqueiras (como lavar louça ou estudar) até servindo como estímulo para a prática de exercícios físicos ou para o relaxamento.

Escutamos e produzimos música com diversos fins, seja para relaxar, para refletir, para dançar ou para nos expressarmos. ‘A música tem princípios que permitem que se expressem sentimentos, sensações e ideias’ (SILVA, 2007, p.01).

Diante de tal afirmativa, percebemos que a música é refletida, analisada e percebida através de sua letra e melodia. Torna-se, então, um instrumento relevante no reconhecimento social, ou seja, da sua condição como ser integrante da sociedade. Ser que produz relações dentro de um contexto que caracteriza nossa

condição humana. O papel do agente social é imposto de forma opressiva por um sistema predatório, explorador da essência humana, do corpo e da alma daqueles que entregam as suas vidas para alimentar uma economia excludente, uma economia auto-destrutiva.

O período de 1964 a 1985 foi marcado por lutas da massa oprimida pela liberdade ideológica, social e política. O nosso país passou por um período em que não existiam direitos constitucionais, tampouco democracia. Existia, pois, perseguição política, censura e repressão aos que eram contra o regime militar. Segundo Albuquerque e Menezes (2009), para chegar a essa consciência política Chico Buarque materializa esse período histórico através de gênero musical.

A música teve um importante papel no processo histórico brasileiro, pois resultou registros do anseio da geração 70, caracterizando aquilo que muitos críticos afirmam ser a 'arte da reportagem'. A arte musical acabou se constituindo em novo gênero em nossa cultura porque passou a utilizar recursos de nossa linguagem nunca explorados pelos artistas. As letras com dizeres populares revelavam a opressão do Estado, o governo do homem pelo homem.

O Estado configurava na história uma situação de escuridão e as canções de Chico Buarque acabaram se tomando verdadeiros porta-vozes de uma geração submetida ao silêncio (censura) que precisava protestar seus direitos, sentimentos, vidas que estavam sendo rompidas por um modelo ideológico opressor.

### **Músicas que refletem o contexto atual**

Atualmente, o sistema flexibilizou os processos que constituíram as relações sociais capitalistas. A flexibilização provocou na massa popular um estado de imersão, no qual, desumana os grupos sociais excluídos, tornando as cidades, ou seja, os espaços urbanos, cenários de fome e pobreza, de lugares subumanos, bem retratados nas canções de protesto do compositor Chico Buarque.

Desta forma, nota-se que a construção poética das músicas do compositor é abordagens bastante atuais mediante a realidade do constante crescimento de favelas e subúrbios do Brasil de hoje.

A música Construção, de Buarque, é um claro protesto construído, 'tijolo por tijolo' num desenho mágico, que se choca com a realidade do tema em si, aonde os versos se voltam para a realidade dura e amarga, revelando a imagem de um artista, inquieto e preocupado com os problemas sociais.

Mesmo por muitas vezes Chico Buarque ter afirmado que quando compõem não ter a intenção de nada, apenas a emoção em si. O poema é a narração do último dia de um operário morto no exercício da profissão. Como afirma Adélia Bezerra de Meneses, Construção pode-se 'enquadrar como um testemunho doloroso das relações aviltantes entre o capital e o trabalho' (2002, p.144).

Isso porque o poema traz como personagem um pedreiro, proletário. Sem nome, é apenas um sujeito oculto, uma ferramenta de trabalho da sociedade capitalista. O operário é valorizado apenas enquanto produz. Depois de cessada sua produção, é apenas um 'pacote flácido, na contramão atrapalhando o tráfego'.

O ritmo de Construção é semelhante ao ritmo de uma máquina em ação, uma betoneira usada em construção, por exemplo, que trabalha sem parar, sempre na mesma direção e do mesmo jeito.

O ritmo simples e repetitivo facilita a memorização. Construção simboliza as relações produtivas do sistema capitalista. Relações que, segundo Freire (2005), contextualizam-se na figura do opressor: 'A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos'. Desta forma, Construção é um protesto aos problemas sociais e a condição de ser menos, ou seja, do homem inconsciente de sua repressão.

A beleza traduzida na letra da música Assentamento de Chico Buarque denuncia a indignação, do compositor diante da luta que os grupos sociais travam pela sobrevivência, por condições de vida humana, pela liberdade de produzir, pela conquista de possuir um pedaço de terra.

A essência contida em Assentamento revela o apego sentimental pelo meio rural, pela satisfação de viver na terra, na constante admiração das paisagens rurais, provenientes da produção agrícola. Numa análise maior podemos perceber que o amor pelo território, mesmo com as diferenças sociais, constrói, no imaginário do homem camponês, o espaço adequado para moradia. Sendo assim, a cidade cada vez mais conturbada se afastaria do ideário rural devido suas exclusões.

## **Teatro**

Considerada uma das 7 artes clássicas, o teatro é uma forma de arte onde um ou mais atores interpretam uma história. Através de situações de improviso, ou com o auxílio de um dramaturgo (pessoa que escreve a história), o ator representa uma determinada situação ou conjunto de situações com o intuito de “provocar” sentimentos no público.

Seja para alertar o espectador, ou simplesmente promover o riso, o ator procura situações da sociedade que nos façam repensar sobre determinados assuntos. O teatro é a mais antiga e tradicional arte cênica. O teatro tal qual se conhece hoje surgiu na Grécia Antiga com o teatro grego e como surgiram os primeiros palcos, antes chamados arenas, formado por espaços ao ar livre com assentos de pedra para os espectadores.

O teatro é uma expressão artística na qual um ator ou um conjunto de atores interpretam uma história ou atividades para um público. A finalidade dos espetáculos teatrais é apresentar uma situação que despertará sentimentos no público. Para isso, os artistas contam com o auxílio de dramaturgos ou de situações improvisadas, de diretores e técnicos.

Embora o teatro possua um dramaturgo, responsável por escrever os textos das peças teatrais, essa expressão artística também utiliza da improvisação. Ou seja, o ato de interpretar algo que não foi previamente pensado, escrito ou elaborado.

Existem vários gêneros teatrais e os principais deles são tragédia, comédia, tragicomédia e drama. Representando as paixões e os interesses humanos, o gênero tragédia tem como objetivo a moralização de um povo ou de uma sociedade. A comédia, por sua vez, é usada como crítica para representar os ridículos da humanidade ou os maus costumes de uma sociedade.

No que diz respeito à tragicomédia, ela representa personagens ilustres ou heróis, praticando atos irrisórios.

Outro gênero que merece destaque é o drama. Também chamado melodrama, ele representa os episódios complexos da vida humana como a dor e a tristeza combinados com o prazer e a alegria.

### **Como o teatro ajuda a desenvolver habilidades de oratória?**

Se você ainda tem dúvidas de que o teatro ajuda (e muito) a desenvolver habilidades de comunicação e oratória, não tenha mais. Existem inúmeras vantagens dessa prática, como, por exemplo:

- **Melhoria da dicção:** O trabalho com a voz melhora a dicção e a articulação das palavras, permitindo que a fala seja transmitida com mais clareza ao público. Projeção da voz: Saber projetar melhor a sua voz pode ser útil no seu dia a dia. Além disso, entre os ensinamentos do teatro, estão os cuidados para não comprometer a saúde vocal.
- **Exercícios de respiração:** Aprender estratégias para manter o fôlego por mais tempo está relacionado diretamente no condicionamento físico e à articulação da fala.
- **Postura adequada:** Saber como adotar uma postura e um olhar assertivo pode fazer a diferença no processo de convencimento das pessoas ao seu redor.
- **Explora a criatividade:** Transpor um texto para a linguagem cênica exige muita criatividade. No nosso dia a dia, ela também é necessária para enfrentar os desafios ao se deparar com situações desafiadoras, como falar em público.
- **Diminui a timidez:** O teatro envolve muita expressão e improvisação, fatores que cooperam para a diminuição da timidez.
- **Autoestima:** A conscientização corporal é um ponto que ajuda na autoestima, à medida que é possível descobrir de forma gradativa seu potencial humano e artístico. Promove o autoconhecimento. Através das técnicas, o aluno aprende o reconhecimento da voz, de seu corpo e do outro.

- **Auxilia na concentração, memorização e imaginação:** Nas aulas é preciso desenvolver esses itens para concentrar-se em seu texto e personagem. Essas habilidades também são muito úteis longe dos palcos.
- **Desenvolve competências e habilidades sociais:** Entre elas estão a empatia, a tolerância e o trabalho em equipe. Os ensaios e apresentações são um meio de conectar-se com o outro, pois a interação em conjunto faz parte do processo.

## **Dança**

Explorar o caráter expressivo do movimento é uma das premissas do ensino de dança. O coreógrafo e pesquisador da linguagem Rudolf Laban (1879- 1958), uma das grandes referências na área, categorizou os movimentos em dois tipos: os funcionais - escovar os dentes, subir escadas ou escrever na lousa, por exemplo - e os expressivos.

Nesses últimos, o objetivo é transmitir uma ideia ou sensação, como o estranhamento, a curiosidade, a beleza ou o humor. À dança, costuma-se associar os movimentos de natureza expressiva - como se vê no balé clássico. O professor, porém, deve considerar (e explorar!) uma característica das crianças que permite enriquecer as atividades em sala: elas não distinguem necessariamente os movimentos funcionais dos expressivos.

"Entre os pequenos, as atividades cotidianas mais simples são carregadas de brincadeira, de exploração de movimento, de dança", diz Fábio Brasil, dramaturgo da companhia Caleidos, em São Paulo. "Eles ainda não criaram barreiras entre os dois tipos de gestos."

Para o dramaturgo, um bom caminho para explorar a linguagem na escola é justamente investir no rompimento de qualquer distinção entre os movimentos cotidianos e aqueles considerados "bonitos" pelo senso comum. A dança moderna e a contemporânea trabalham nessa perspectiva.

"Um gesto do dia-a-dia trazido para o contexto de uma coreografia - em uma repetição dele, por exemplo - ganha um sentido expressivo", explica. "É só lembrar da cena de Charles Chaplin no filme Tempos Modernos, em que ele transforma o ato de apertar parafusos em uma expressão de crítica e humor."



## **Escultura**

"Esculpir", segundo os dicionários, significa imprimir, cinzelar ou entalhar (figuras, ornamentos) em matéria dura ou macia (pedra, argila, areia etc.) e Carrara é o nome de uma cidade italiana que, até hoje, extrai mármore e o comercializa. Daí a expressão "esculpido em carrara".

A maior parte dos objetos gregos antigos, considerados como obras de arte, são esculturas em mármore.

O trabalho realizado por um escultor, aquele que esculpe, é a escultura, que também pode ser definida como a arte que representa imagens em três dimensões, ou seja, com volume, ainda que apenas relevos. Trata-se de uma forma de arte tridimensional. Em relação à pintura, essa é uma diferença significativa, pois a pintura ou o desenho são obras de arte bidimensionais.

Ou seja, com duas dimensões, altura e comprimento, não há volume. Agora, imagine uma escultura. Provavelmente, passaram várias imagens em sua mente, imagens de estátuas em pedra ou bronze, ou peças em argila ou cerâmica. Alguns podem ter ido mais longe e visualizado esculturas em areia, gelo ou sucata.

## **Pintura**

Refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície bidimensional, de modo a colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas.

Em um sentido mais específico, é a arte visual onde se pinta em determinadas superfícies, tais como papel, tela, ou uma parede (pintura mural ou de afrescos). A pintura é considerada por muitos como uma das expressões artísticas tradicionais mais importantes no mundo das artes visuais; muitas das principais obras de arte da história, tais como a Mona Lisa, são pinturas.

Diferencia-se do desenho pelo uso dos pigmentos líquidos e do uso constante da cor, enquanto aquele apropria-se principalmente de materiais secos. Enquanto técnica, a pintura envolve um determinado meio de manifestação (a superfície onde ela será produzida) e um material para lidar com os pigmentos (os vários tipos de pincéis e tintas).

A escolha dos materiais e técnicas adequadas está diretamente ligada ao resultado desejado para o trabalho como se pretende que ele seja entendido. Desta forma, a análise de qualquer obra artística passa pela identificação do suporte e da técnica utilizada.

O suporte mais comum é a tela (normalmente uma superfície de madeira coberta por algum tipo de tecido), embora durante a Idade Média e o Renascimento o afresco tenha tido mais importância. É possível também usar o papel (embora seja muito pouco adequado à maior parte das tintas). Quanto aos materiais, a escolha é mais demorada e, normalmente, envolve uma preferência pessoal do pintor e sua disponibilidade. Materiais comuns são: a tinta a óleo, acrílica, o guache e a aquarela.

É também possível lidar com pastéis e crayons, embora estes materiais estejam mais identificados com o desenho. No entanto, há controvérsias sobre essa definição de pintura.

Com a variedade de experiências entre diferentes meios e o uso da tecnologia digital, a ideia de que pintura não precisa se limitar à aplicação do “pigmento em forma líquida”. Atualmente o conceito de pintura pode ser ampliado para a representação visual através das cores.

Mesmo assim, a definição tradicional de pintura não deve ser ignorada. O elemento fundamental da pintura é a cor. A relação formal entre as massas coloridas presentes em uma obra constitui sua estrutura fundamental, guiando o olhar do espectador e propondo-lhe sensações de calor, frio, profundidade, sombra, entre outros.

### **Técnicas de pintura**

**Muralismo, pintura mural ou parietal:** é executada sobre uma parede, quer diretamente na sua superfície, como num afresco, quer num painel montado numa exposição permanente.

Ela difere de todas as outras formas de arte pictórica por estar profundamente vinculada à arquitetura, podendo explorar o caráter plano de uma parede ou criar o efeito de uma nova área de espaço. A técnica tradicional de uso mais generalizado é a do afresco, que consiste na aplicação de pigmentos de cores diferentes, diluídos em água, sobre argamassa ainda úmida.

**Tinta a óleo:** é uma mistura de pigmento pulverizado e óleo de linhaça ou papoula. É uma massa espessa, da consistência da manteiga, e já vem pronta para o uso, embalada em tubos ou em pequenas latas. Dissolve-se com óleo de linhaça ou terebintina para torná-la mais diluída e fácil de espalhar.

O óleo acrescenta brilho à tinta; o solvente tende a torná-la opaca. A grande vantagem da pintura a óleo é a flexibilidade, pois, a secagem lenta da tinta permite ao pintor alterar e corrigir o seu trabalho.

**Acrílico:** é uma tinta sintética solúvel em água que pode ser usada em camadas espessas ou finas, permitindo ao artista combinar as técnicas da pintura a óleo e da aquarela. Se você quiser fazer tinta acrílica, você pode misturar tinta guache com cola.

**Aquarela:** : é uma técnica de pintura na qual os pigmentos se encontram suspensos ou dissolvidos em água. Os suportes utilizados na aquarela são muito variados,

embora o mais comum seja o papel com elevada gramatura (espessura). São também utilizados como suporte o papiro, casca de árvore, plástico, couro, tecido, madeira e tela.

**Guache:** é um tipo de aquarela opaca. Seu grau de opacidade varia com a quantidade de pigmento branco adicionado à cor, geralmente o suficiente para evitar que a textura do papel apareça através da pintura, fazendo com que não tenha a luminosidade das aquarelas transparentes.

### **Oficina em Arteterapia**

Estas oficinas abordam tanto a teoria como a prática, com o intuito de capacitar os participantes para aplicarem estas diversas técnicas de arteterapia com públicos como: crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Temas das oficinas:

- Apresentação da Arteterapia
- Arteterapia e colagem
- Arteterapia na Contação de histórias
- Música na Arteterapia
- Arteterapia na Reciclagem – transformação pessoal interna
- Arteterapia com mandalas
- Arteterapia com Mosaico
- Arteterapia – Pintura e a simbologia das cores
- Arteterapia na Modelagem

Serviços Prestados:

- Capacitação para educadores, colaboradores e orientadores socioeducativos
- Grupo de estudo e supervisão

## REFEFÊNCIA:

Andrade, L. Q. (1995). Linhas teóricas em arte-terapia. In M. M. M. J. de Carvalho (Org.), *A Arte Cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 39-54). Campinas, SP: Editorial Psy II.

Andrade, L. Q. (2000). *Terapias expressivas*. São Paulo: Vetor.

Andriolo, A. (2003). A “psicologia da arte” no olhar de Osório Cesar: leituras e escritos. *Psicol.: Ciên. e Prof.*, 23(4), 74-81. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932003000400011>

Carvalho, M. M. M. J. (1995). O que é arte-terapia. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 23-26). Campinas, SP: Editorial Psy II.

Carvalho, M. M. M. J., & Andrade, L. Q. A. (1995). Breve histórico do uso da arte em psicoterapia. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 27-38). Campinas, SP: Editorial Psy II.

Cesar, O. (1944, novembro). Como se Deve Compreender uma Obra de Arte. *O Estado de S. Paulo*, p. 4.

Ciornai, S. (1995). *Arte-terapia: o resgate da criatividade na vida*. In M. M. M. J. Carvalho (Org.), *A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia* (pp. 59-63). Campinas, SP: Editorial Psy II.

Ciornai, S. (Org.) (2004). *Percursos em arteterapia: arteterapia gestáltica, arte em psicoterapia, supervisão em arteterapia*. São Paulo: Summus Editorial.

Dionísio, G. H. (2001). Museu de Imagens do Inconsciente: considerações sobre sua história. *Psicol.: Ciênc. e Prof.*, 21 (3), 30-35. Recuperado em 31 julho, 2012, da PePSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia): <http://pepsic.bvsalud.org/>

Dufrenne, M. (2008). *Estética e filosofia* (3a ed.). São Paulo: Perspectiva.

Frayze-Pereira, J. A. (2003). Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. *Estudos Avançados*, 17(49), 197-208. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142003000300012>

Jung, C. G. (1977). Chegando ao inconsciente. In C. G. Jung & M. L. von Franz (Orgs.). *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, trad., pp. 18-103). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Jung, C. G. (2001). *Memórias, sonhos, reflexões* (21a ed., A. Jaffé, Ed., D. F. Silva, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Krammer, E. (1982). *Terapia através del arte en una comunidad infantil*. Buenos Aires: Kapelusz.

Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (1998). *Vocabulário da psicanálise* (3a ed., P. Tamen, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Naumburg, M. (1966). *Dynamically oriented art therapy: Its principles and practice*. Nova Iorque: Grune-Stratton.

Naumburg, M. (1991). A arteterapia: seu escopo e sua função. In E. F. Hammer (Org.), *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos* (pp. 388-392). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ostrower, F. (2004). *Criatividade e processos de criação* (18a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Pareyson, L. (1984). *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes.

Perls, F. (1988). *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia* (2a ed., J. Sanz, trad.). Rio de Janeiro: LTC.

Raffaelli, R. (2009). Jung, mandala e arquitetura islâmica. *Psicol. USP*, 20(1), 47-66. Recuperado em 31 julho, 2012, de <http://www.revistasusp.sibi.usp.br>

Reis, A. C. (2011). A experiência estética sob um olhar fenomenológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(1), 75-86. Recuperado em 31 julho, 2012, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672011000100009&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672011000100009&script=sci_arttext)

Rhyne, J. (2000). *Arte e gestalt: padrões que convergem* (M. B. P. Norgren, trad.). São Paulo: Summus.

Silveira, N. (2001). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática.

Von Franz, M. L. (1977). O processo de individuação. In C. G. Jung & M. L. von Franz (Orgs.), *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, trad., pp. 158-229). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Vygotski, L. S. (1990). *La imaginación y el arte en la infancia*. Madrid: Akal.

Vygotski, L. S. (1998). *Psicologia da arte* (P. Bezerra, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Zanella, A. V., Da Ros, S. Z., Reis, A. C., & França, K. B. (2003). Concepções de criatividade: movimentos em um contexto de escolarização formal. *Psicologia em Estudo*, 8(1), 143-150.

- <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura> -

<https://subcultura.org/e-mortais/marcio-coutinho/marcio-arte-html/> -

<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=8321e047fb413f25> -  
[comunicarteadm.blogspot.com/2010/09/mas-afinal-qual-relacao-entre-arte\\_21.html](http://comunicarteadm.blogspot.com/2010/09/mas-afinal-qual-relacao-entre-arte_21.html) -  
<https://portalartes.com.br/colunistas/philip-hallawell/o-papel-da-arte-na-educacao.html> - <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/eip/v3n1/a10.pdf> -  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932014000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011) - <https://terapiapsicodramatica.wordpress.com/o-que-e-psicodrama/> -  
<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2854/2/9908065.pdf> -  
<https://www.infoescola.com/comunicacao/aula-de-teatro-e-bom-para-comunicacao-oral/> -  
<https://novaescola.org.br/conteudo/1032/danca-expressao-pelo-movimento> -  
<https://www.resumoescolar.com.br/artes/formas-de-arte/>